



AKBARPOURAN, Monire. O *destan* turco é uma epopeia? Primeiros debates e extensões atuais. Tradução Renata de Castro. In: **Revista Épicas**. Ano 2, N. 4, Dez 2018, p. 1-26. ISSN 2527-080-X.

O DESTAN TURCO É UMA EPOPEIA? PRIMEIROS DEBATES E EXTENSÕES ATUAIS

LE DESTAN TURC EST-IL UNE EPOPEE ? PREMIERS DEBATS ET PROLONGEMENTS ACTUELS

Monire Akbarpouran¹
Universidade Shahid Beheshti

RESUMO: Este artigo se interessa pelos vivos debates intelectuais que têm acompanhado no mundo turco a recepção das discussões ocidentais sobre a epopeia entre o começo do século XIX e meados do século XX. Estes debates estão *a priori* associados à noção de *literatura nacional* na Turquia e ao “desejo da epopeia”, que se caracterizam mais amplamente na virada do século XX em uma fascinação pela epopeia ocidental clássica, e por Homero em particular. No período seguinte, o estudo de gêneros narrativos turcos (*destan*, *hikaye*...) passa a primeiro plano e permite à reflexão e às tentativas de definição da narração épica tomar sua autonomia em relação aos textos e aos críticos ocidentais. O final do artigo traça as perspectivas críticas desde 1950.

Palavras-chave: Literatura turca; desejo da epopeia; Homero.

¹ Monire Akbarpouran é doutora em Letras Francesas pela Universidade Shahid Beheshti (Teerã). Ela defendeu em 2017 sua tese intitulada *O imaginário épico. Os casos do Livro de Dede Korkut e da Chanson de Roland*. Artigos publicados: «Vers l'étude du « travail épique » dans le Livre de Dede Korkut », *Études mongoles et sibériennes, centrasiatiques et tibétaines*, 45 | 2014, <http://emscat.revues.org/2340>. Em colaboração com Dominique Carnoiy Torabi : “Doganeye hoviya/gheyriyat va baztarif-e no-e adabi-e hamase” (دوگانه هویت و غیریت و بازتعریف نوع ادبی حماسه) [Identidade/Alteridade e a redefinição do gênero épico], *Critical Language & Literary Studies*, [Revista persa da faculdade de letras da universidade de Shahid Beheshti], Automne-Hiver 1395 (2016-2017), 13^e série, n°17, p. 79-99 et “Khanesh-e beynamatni-e dastan-e ashigi-e Asli va Karam : Taghir va tatavvor-e naghsh-e gahraman dar yek sonnat-e adabi” (خوانش بینامتنی داستان عشیقی اصلی و کرم : تغییر و تطور نقش قهرمان در یک سنت ادبی) [Leitura intertextual do *destan* de Asli e Karam: modificação e desenvolvimento do status do herói em uma tradição literária], *Cultural History Studies* (Pejuhesh Nameh Anjoman-e Iraniye Tarikh), printemps 1395 (2016), 7^e année, N° 27, p. 63-84 ; « L'Altérité dans le Livre de Dede Korkut : l'image du chrétien », *JASS* (Journal of Academic Social Science Studies), N°57, été 2017, p. 291-309. URL: https://www.jasstudies.com/Makaleler/1520018130_15-Monire%20Akbarpouran.pdf

RÉSUMÉ : Cet article s'intéresse aux vifs débats intellectuels qui ont accompagné dans le monde turc la réception des discussions occidentales sur l'épopée, entre le début du XIX^e siècle et le milieu du XX^e siècle. Ces débats sont d'abord liés à la notion de *littérature nationale* en Turquie et au "désir d'épopée" qui caractérise plus largement le tournant du XX^e siècle, dans une fascination pour l'épopée occidentale classique, et pour Homère en particulier. Dans la période suivante, l'étude des genres narratifs turcs (*destan, hikaye...*) passe au premier plan et permet à la réflexion et aux tentatives de définition de la narration épique de prendre leur autonomie par rapport aux textes et aux critiques occidentaux. La fin de l'article trace à grands traits les perspectives critiques depuis 1950.

Mots-clés : Littérature turque; désir de l'épopée; Homère.

Introdução

Os dicionários de língua turca oferecem vários equivalentes e sinônimos para traduzir a palavra francesa "epopée": *destan* (literalmente: "narrativa" – termo de origem persa), *hikaye* ("narrativa" – termo de origem árabe), *manzum hikaye* ("hikaye em versos"), *epik şiir* ("poema épico") e *epope* ("epopeia"). Essa variação do vocabulário não só testemunha as diferenças entre as definições francesa e turca, mas também as hesitações que têm marcado a história da crítica sobre o gênero – ou melhor, sobre os gêneros relacionados.

As tentativas de definir o gênero épico na Turquia não são muito antigas e não têm efetivamente uma longa tradição. Em 1856, o dicionário inglês-turco, redigido por James William Redhouse, define o substantivo *epic* como "um *hikaye* em forma de *qaside*²", sublinhando assim sua dimensão panegírica. No dicionário turco-francês de Şemseddin Sami, publicado em 1883, a palavra *destan* (ou *dastan*) não tem nenhuma conotação heroica: "história, conto, poema popular sobre um evento ou uma pessoa³". O ponto de partida das especulações sobre o gênero épico na Turquia corresponde à recepção de Homero, ou melhor, à recepção das teorias francesas sobre a epopeia, as quais tomam a *Ilíada* como modelo perfeito. Esta recepção, que se inicia nos últimos anos do século XIX e se estende até os anos 1920, coincide com a corrente de

2 O *qaside* é uma das formas poéticas emprestada das literaturas árabe e persa do século XIV. Os primeiros exemplos de *qaside* em turco são panegíricos e não demonstram grande diferença dos poemas panegíricos dedicados aos khans turcos, antes da conversão dos turcos ao Islã. Ver Pala, Iskender, "Kaside", in *Islam Encyclopedisi*, 2001, Vol 24, p. 564-566. Este empréstimo e muitos outros acontecem no contexto da literatura de *diwan*, a literatura oficial, associada à vida na corte, profundamente inspirada pela língua e literatura árabe e persa e fortemente marcada pelo lirismo e pelo simbolismo místico. Redhouse, James William, *An English And Turkish Dictionary*, Londres, B. Quartish, 1856.

3 Sami, Şemseddin, *Kamus-i Firansavi*, [Dicionário turco-francês], Istanbul, Imprimerie Mihran, 1883.

pensamento conhecido sob o nome de *literatura nacional*⁴. Nessa época, quando a Turquia constrói um Estado, a falta de uma epopeia nacional se faz sentir; os turcos se esforçam para remediar a situação⁵. Dois grupos de *destan* – narrativas – turcos, de tema heroico, vão servir de referência: os *destan* anteriores ao período islâmico, dos quais não restam mais que vestígios⁶: *Ergenekon*⁷ e *destan d'Oghuz kagan*⁸, e de outros do período islâmico – o *destan* de *Danishmend Gazi*⁹, por exemplo.

A descoberta do *Livro de Dede Korkut* e sua primeira publicação em 1914 constituíram um novo impulso nos estudos épicos¹⁰. Desde sua descoberta, o *Livro de*

4 A *literatura nacional* é o nome de uma corrente literária de um vasto âmbito sócio-político, nascida em 1911 em torno da revista *Genç Kalemler Dergisi* [A revista das jovens plumas], publicada em 1910-1912. Como o nome sugere, essa corrente visava voltar-se para o povo (a nação) e dirigir-se a ele.

5 As mesmas atitudes encontram-se no caso da criação do *Kalevala*, epopeia finlandesa, do século XIX cf. Moreau, Jean-Luc, “De la poésie populaire finnoise à l'épopée finlandaise. Le *Kalevala*”, in *Épopées du monde: pour un panorama (presque) général*, Feuillebois-Pierunik, Ève (éd.), Paris, Classiques Garnier, 2011, p. 425-436.) et de l'épopée grecque, le *Digénis Akritas* (cf. Palágyi, Tivadar. “La Chanson de Roland et le *Digénis Akritas* dans l'histoire littéraire: construction du passé national en France et en Grèce au tournant du XIXème et du XXème siècles”, *Cahiers de la Nouvelle Europe*, Paris, L'Harmattan, 2008/8, p. 35-48.)

6 O *destan* de Oghuz Kagan e o *Ergenekon* foram os primeiros *destan* turcos que chamaram a atenção dos pesquisadores sobre a epopeia turca, dotando de um passado imaginário e mítico os turcos ávidos por uma identidade nacional. O turcólogo W. Radloff publicou pela primeira vez o *destan* Oghuz Kagan em 1891. Uma segunda edição, mais popular, foi feita em 1936, por W. Bang e G.R. Rahmeti. Quanto ao *destan* *Ergenekon*, temos apenas a versão citada no *Câmi'ü't-Tevarih*, de Reşididdin, do século XIII. Esta será recuperada quatro séculos mais tarde, no século XVII, por um outro historiador, Ebulgazi Bahadır Han.

7 Publicada pela primeira vez em 1914 (Gökalp, Ziya, *Kızıl elma*, [A maçã vermelha], Istanbul, Ötüken, 2015), essa narrativa mítica é conhecida em várias versões. O debate sobre sua origem se mantém vivo: alguns a consideram uma narrativa turca e outros, uma narrativa mongol. Estes argumentam que se trata de uma narrativa mongol que teve uma versão turca construída no apogeu do nacionalismo turco, por Rabia Kadri. Este último estabeleceu os paralelismos entre essa narrativa (tida como mongol) e uma narrativa turca e concluiu que se tratava de uma narrativa em comum. Seja como for, a vontade de epopeia nos turcos da época fez dessa narrativa um dos pilares de sua identidade. (Özkan, İsa, *Ergenekon Destanı Hakkında*, [Observações sobre o *destan* de *Ergenekon*], *Türk Yurdu dergisi*, N° 265 (2009), p. 43-47).

8 Publicada pela primeira vez em 1936, trata-se de uma narrativa com forte colorido mítico, consagrada à vida do ancestral mítico da confederação tribal Oghuz, Oghuz khagan (Oğuz Kağan). O nome de Oghuz Kagan encontra-se sob várias formas em função das línguas dos povos que se apropriam desse *destan*: Oghuz Khagan, Oghuz Khan (nos textos ingleses), Oğuz Han (na Turquia), Oğuz Xan (no Azerbaijão), Oguz Kagan (em várias fontes francesas). Para mais informações, cf. Bang, W., & Arat, R. R. (éd.), *Oğuz Kağan Destanı*, [O *destan* de oghuz Kagan], Istanbul, Burhaneddin, 1936, vol. 18.; Gömeç, Saadettin, “The Identity of Oguz Kagan. The Oguz in the History and the Epics of Oguz Kagan”, *Oriente Moderno*, vol. 89, N° 1 (2009), p. 57-66.

9 Conhecido também sob o nome de *Dânişmendnâme*, esse *destan* conta as façanhas e as guerras de Danishmend Gazi, o segundo chefe da dinastia Danishmendide, fundada após a batalha de Manzikert na Anatólia. A palavra árabe *gazi* designa aqueles que fizeram a guerra santa. Esse termo une-se ao nome como título de numerosos heróis épicos na Anatólia.

10 O *Livro de Dede Korkut* é conhecido por três manuscritos: o de Dresdem (135 páginas) é o mais completo, ele contém doze narrativas e uma introdução; o de Berlim (34 páginas) é uma cópia e serviu de referência para a publicação de Von Diez; o do Vaticano (109 páginas) comporta introdução e cinco narrativas. E. Rossi considera o manuscrito do Vaticano (no qual o dialeto é o antigo anatoliano osmandi) mais “autêntico” que o de Dresdem, no qual a língua apresenta características do dialeto azeri. Estes três manuscritos são em alfabeto árabe e a maior parte dos pesquisadores os datam do século XVI. O *Livro de Dede Korkut* foi traduzido para o alemão e publicado por Von Diez em 1815. Barthold publica uma tradução russa de quatro narrativas entre os anos 1894-1904. A primeira publicação na Turquia não foi antes de 1914, em alfabeto árabe e depois do manuscrito de Berlim, graças a Kilisli Muallim Rifat Bilge (Rifat, Kilisli, *Kitab-i Dede Korkut ala lisan-i taife-i Oguzan*, [O livro de Dede Korkut na língua da tribo Oghuz]; *müstensihî Kilisli Rifat*, Istanbul, impressão Amire, 1914/1332). A primeira publicação integral do livro, em alfabeto turco moderno e acompanhada de comentários, data de 1938 e foi realizada por Orhan Şaik Gökyay (Gökyay, Orhan Şaik, *Dede Korkut*, Ankara, Arkadas, 1938). Para uma síntese detalhada sobre as primeiras obras que

Dede Korkut tem sido comparado às epopeias homéricas¹¹. Porém, encontramos o mesmo problema da discordância do vocabulário crítico: os termos utilizados para designar o texto – *hikaye* e *destan* – aplicam-se por vezes às narrativas heroicas do *Livro de Dede Korkut* e outras vezes, às narrativas amorosas como *Ashik Garib ile Shah Sanam*¹². *Hikaye* é um termo árabe correspondente à narrativa inglesa¹³, e *destan* é um termo de origem persa que significa também narrativa; em geral, indica as obras de tema heroico, porém pode também designar uma narrativa amorosa como *Asli ile Kerem*¹⁴. Nas primeiras discussões em torno do *Livro de Dede Korkut*, os autores contentam-se em evocar o aspecto heroico de *destan* ou *hikaye* sem usar termos épico ou epopeia. Para eles, o vocábulo *destan* não aparece em nenhum manuscrito do *Livre de Dede Korkut*. Os termos *oghuzname*¹⁵, *hikaye* e as expressões *boy boylamak* e *soylamak* ou *söy söylemek*¹⁶ são apenas indicadores que nos permitem deduzir as características do gênero ao qual o *Livre de Dede Korkut* pertence. A partir da segunda metade do século XX, e depois de algumas hesitações, a maioria dos teóricos concorda que o *Livre de Dede Korkut* pertence à categoria épica; a maior parte das teorias sobre

tratam do assunto, ver Bekki, Salahaddin, “Dedem Korkut Kitabı arařtırmalarının 100 yıllık tarihi ve ‘100 temel eser’ kapsamında yayımlanan Dede Korkut Hikâyeleri adlı kitapların niteliđi üzerine bir deđerlendirme”, [História dos cem anos de estudos sobre o *Livro de Dede Korkut* e investigação sobre os livros que têm como título *Dede Korkut Hikâyeleri*, a partir de cem obras principais], In :Symposium international de *Düşünce Hayatımızda ve Kültürümüzde Dede Korkut*, Baybourt, 2015/21-22 mai. Yałçın-Kürřat Kara(éd.), Les éditions de l’université de Baybourt, 2015, p. 179-198.

11 Quando Von Diez traduziu o texto para o alemão, em 1815, ele se interessou essencialmente pelas afinidades que existem entre o Ciclope do *Livro de Dede Korkut*, Depegöz, e Polifeno, na *Odisseia*. Ver Von Diez, Heinrich Friedrich, “Denkwürdigkeiten von Asien in Künsten und Wissenschaften, Sitten, Gebräuchen und Alterthümern”, *Religion und Regierungsverfassung*, Nicolai, 1815. Vol.2.

12 Sobre essa narrativa, ver Luffin, Xavier, *Le long voyage d’Ashik Garip*, Paris, L’Harmattan, 2005.

13 Sobre esse paralelismo, ver Boratav, Pertev Naili, *Halk hikâyeleri ve halk hikâyeciliđi*, [As *hikaye* populares e a tradição da *Hikaye* popular], Istanbul, Adam, 1946.

14 Para aplicação da palavra *destan* nessa narrativa, ver Akkaya, Özcan, “Türk Halk Hikâyelerinde Hak Âřıklıđı”, [Os *ashiks* de Deus nas *hikaye* populares], *Université de Çankırı Karatekin, Sosyal Bilimler Ens. Dergisi*, N 2 (2010), p. 1-10.

15 Genealogias que contam a vida dos reis e heróis da tribo oguzes.

16 Os especialistas não concordam mais no que se refere a definição desses termos. Muharram Ergin, nas suas análises do *Livro de Dede Korkut*, aborda o assunto e sustenta que as partes em versos pertencem a uma epopeia anterior, composta de diálogos e monólogos chamados de *söys* (poemas); enquanto que *boy* é sinônimo de narrativa (verbo *boylamak*: fazer um *destan*) (Muharrem, Ergin, *Dede Korkut Kitabı I*, [O *Livro de Dede Korkut I*], Ankara : Türk Dil Kurumu Yayınları, 1997). Esta consideração de Ergin baseia-se no manuscrito de Dresden, em que doze narrativas levam o título de *Boy* (por exemplo : *Dirse Han ođlı Bogaç Han Boyu* – a narrativa de Boghac khan, o filho de Dirse khan). Ver Nebiyeva, Ülker, oğuz epik düşüncesinin kaynađı olarak kitab-i dede korkut’un dresden nüshası, *Atatürk Üniversitesi Türkiyat Arařtırmaları Enstitüsü Dergisi*, 2008, vol. 14, N° 36.). Observemos que Ergin não considera esse *boy* como *destan*, em função de seu reduzido tamanho, mas como passagens que fizeram provavelmente parte de um *destan* anterior. Já Altan Gökalp, o tradutor francês do *Livro de Dede Korkut*, relaciona a palavra *soy* a um termo antigo que designa ‘osso’ – daí o verbo *soylamak* significar “buscar as origens, investigar, glorificar alguém por suas origens”. Traduzindo a palavra *boy* como clã, ele propõe “o dito sobre o osso e sobre o clã” ou “dizer sobre o clã ou sobre a linhagem” como equivalente da expressão já citada e parte dessa análise para estudar a organização social dos Oghuz (Gökalp, Altan, “Le Dit de l’os et du clan : De l’ordre segmentaire oghouz au village anatolien”. *L’Homme*, 1987, p. 83).

o gênero desenvolvem-se em torno dessa obra. As modificações da definição de epopeia para os turcos referem-se às diversas teorias sobre a origem do *Livre de Dede Korkut*, considerada a obra canônica do gênero. As outras obras épicas são ou como *Köroğlu*, marginalizadas diante da idade e hegemonia de *Dede*, ou descartadas como a epopeia quirguiz *Manas* – por ela pertencer a outro ramo de povos turcos.

Os últimos anos do século XX representam um novo momento nessa história da pesquisa: os teóricos terão uma maior tendência a definir o gênero *destan* de forma indutiva, estudando vários *destan*. Eles evitarão cada vez mais reutilizar as definições abstratas importadas do Ocidente. Assim, na Turquia, o termo *destan* será cada vez mais conhecido como o equivalente exato à “epopeia”, enquanto que para outros povos turcos, como no Azerbaijão ou nos países da Ásia Menor, o termo conserva ainda sua ambivalência.

Interessa-nos aqui, acima de tudo, o termo *destan* e os debates que tiveram lugar em torno desse termo na Turquia, quando os turcos estavam buscando uma epopeia nacional. Para tanto, teremos que considerar outros termos concorrentes ou sinônimos, mas o essencial é relatar a intensa atividade intelectual daquela época.

A recepção de Homero e a questão da literatura nacional

A introdução dos termos *epopeia*, *épico* e *epos* na literatura turca acompanha a recepção de Homero, por meio da literatura francesa pelos turcos da Turquia, e por meio da literatura russa pelos Azerbaijanos. As tentativas de substituir as palavras epopeia e *epos* por um equivalente turco constituem uma rica história de tradução e de criação de novos termos literários, e sobretudo uma rica discussão em torno da noção de epopeia.

Desde 1911, e em torno da noção de *literatura nacional*, inicia-se uma série de discussões que – dada a associação entre a ideia da literatura nacional e da concepção do gênero épico naquela época (1911-1923) – deu origem a debates sobre o gênero épico. Naquele ano, Mehmet Fuad Köprülü, que aspirava a um humanismo sem fronteiras, aborda em um artigo a questão da literatura nacional. Nesse primeiro momento de sua carreira, M. F. Köprülü recusa a possibilidade da criação de uma

literatura nacional turca, referindo-se a Hippolyte Taine: “à época [moderna]”, a criação de uma “literatura nacional” era impossível; para o passado, talvez podíamos falar em literatura nacional – as antigas epopeias nacionais francesas como uma quantidade limitada de *destan* turcos podiam talvez desenhar um retrato da nação –, mas no século XX as trocas internacionais não permitiam que tal literatura nascesse¹⁷. No dia seguinte, Ali Canip Yöntem respondeu a ele – utilizando um pseudônimo – colocando-se totalmente a favor da *nova língua* e do *novo espírito*¹⁸ que caracterizavam, segundo ele, a nação turca.

Para A. C. Yöntem, um povo não se distingue pela raça, mas pela língua, e o povo turco tem uma consciência coletiva vivendo nos mitos e nas lendas de língua turca, que são as verdadeiras fontes para conhecer o *espírito nacional*¹⁹. Ele acusa Köprülü de desconhecer seu povo e de convidar as pessoas a “vestir as roupas à moda antiga” e a “cantar”²⁰ os *destan* chorosos à beira do rio²¹. Ele insiste que os defensores da nova língua não vão levá-lo de volta a Karakorum²² e não o farão viver como Oghuz Khan²³. Como destacou Kani İrfan Karakoç, na sua tese de doutorado, o contraste entre as duas concepções de povo e de literatura nacional pode evocar duas concepções de *destan*: a primeira retomada dos *destan* arcaicos que o nacionalismo turco trouxe à tona, e a segunda, dos *destan* líricos profundamente marcados pelos motivos da literatura de *diwan*.

Três anos mais tarde, em 1914, no manual escolar escrito por M. F. Köprülü e Süleyman Şahabeddinle, aparecem as novas referências: a *Ilíada* e a *Odisseia*. Os autores apresentam “os gêneros recém introduzidos à literatura turca como *destan*, canção e

17 Köprülü, Mehmet Fuad, 1911, via Levend, Ağâr Sırrı, *Edebiyat Tarihi Dersleri: Tanzimat Edebiyatı*, [Lições de história da literatura: Tanzimat], Istanbul, Marifet, 1934.

18 Destaca-se que a nova língua é um coceito-chave no discurso patriótico dos anos 1911-1923, que procura substituir a identidade otomana, focada na religião e no território do império, por uma identidade turca, focada na raça. (Seyfeddin, Ömer, “Yeni lisan”, [A nova língua], *Genç Kalemler*, 1911, p. 75-81). O mesmo acontece com as noções de *raça* ou *povo turcos* e com o *espírito nacional*, que constituem argumentos fundamentais nos debates sobre o gênero. Yöntem, Ali Canip, “Sanat ve Edebiyat-Millî Lisan ve Millî Edebiyat”, [Arte nacional e literatura nacional. A língua e a literatura nacionais], *Genç Kalemler*, vol. 2, N° 3 (1327/1911/ mai), p. 47-52.

19 Ver Yöntem, Ali Canip (sob o pseudônimo de Yekta Bâhir), “Millî Daha Doğrusu Kavmî Edebiyat Ne Demektir”, [O que se entende por “literatura nacional” ou melhor, “popular”?], *Genç Kalemler*, vol. 2 (1911/ Juin), p. 4-13.

20 O verbo utilizado (*inşad etmek*) é antigo e está em desuso, refere-se à tradição oral e significa cantar. cf. Osmanlica Türkçe Sözlük, disponível em: <http://www.luggat.com/48592/insad>, acesso em: 9/13/2016.

21 Yöntem, Ali Canip, “Millî Daha...” *op. cit.*

22 A capital do Império mongol no século XIII.

23 Yöntem, Ali Canip, “Millî Daha...” *op. cit.*

teatro.”²⁴ Embora a parte do manual dedicada a esses novos gêneros seja apenas a última e uma das menores, ela poderia ser considerada como uma das primeiras tentativas dos turcos não só de refletir sobre o gênero épico, mas também de apropriar-se das concepções europeias sobre ele. Ao passo que o termo *destan*, como vimos, pode referir-se às narrativas amorosas tanto quanto heroicas. M. F. Köprülü apresenta-o como um novo gênero, como “canção” e “teatro”. O autor o definiu por referência à epopeia francesa, o objetivo era torná-lo um termo incontestável equivalente à “epopeia”.

Existia um tratado de literatura definindo o *destan* antes de seu contato com a epopeia? O público já tinha uma definição bem determinada do gênero? Sabe-se seguramente que os turcos conheciam o termo e utilizavam-no amplamente, no entanto nenhuma definição canônica e escrita pode ser deduzida pelos textos da época. Notemos que Köprülü usa *destan* sem dizer uma palavra sobre o passado do termo nem de sua conotação turca, e sem fazer alusão ao termo “epopeia”, que ele traduz. Além disso, a definição que ele dá refere-se apenas à *Ilíada* e às epopeias indianas. Quando ele se indaga sobre o “nosso *destan*”, é para assegurar que entre as obras reunidas sob o nome de *Literatura de Diwan*, não há nenhuma do gênero *destan*. Ele conclui que é normal em uma literatura saturada de sentimentos pessoais não haja muito o que se refira à “vida real da nação”, que é, para ele, o traço marcante da epopeia.

Em sua argumentação, Köprülü retoma sobretudo a ideia de evolução dos gêneros em alusão a Victor Hugo e a Brunetière. A concepção do *destan* está neste contexto muito afastada daquela dos *ashik*²⁵ e de seu público, para quem os *destan* não são impessoais nem distante de sua vida cotidiana²⁶. Para M. F. Köprülü, o *destan*

²⁴ Köprülü. Mehmet Fuad & Şahabeddin. Süleyman, *Malumat-ı Edebiyye*, [Específico de literatura], Istanbul, Kanaat, 1914.

²⁵ A palavra de origem árabe (عاشق) designa “aquele que se apaixonou” e, em algumas tradições (na Anatólia, no Azerbaijão e no Irã), substitui os termos mais arcaicos como *ozan* e *bakhshi* para designar os profissionais que recitam e cantam os *destan* que eles criam (o que tem se tornado raro nos últimos cinquenta anos) ou os *destan* anônimos. Eles tocam o *saz* e frequentemente usam roupas tradicionalmente reservadas a essa profissão. Essa mudança relaciona-se com dois fenômenos: 1) a expressão *ashik de Deus* (*hak ashiklari*) mostra bem que, desde os séculos XIII-XIV, as recitações de *destan* são associadas aos círculos de sufis colonizadores que participavam dos *gazas* e instalaram-se nos novos territórios; 2) o abrandamento dos ânimos teria resultado da fixação e islamização dos turcos nos novos territórios, e o impacto das literaturas líricas persa e árabe poderia ter mudado o status do *ozan* ou do *bakhshi*. Segundo Özkül Çobanoğlu, a tradição *ashik* foi criada no século XVI. cf. Çobanoğlu, Özkül, *Âşık tarzı kültür geleneği ve destan türü*, [A tradição cultural do estilo dos *ashik* e o gênero do *destan*], Ankara, Akçağ, 2000.

²⁶ O impacto da recitação do *destan* no cotidiano é ainda significativo no Irã. Assim um habitante armênio de Úrmia conta sobre a mudança de atitude de seu vizinho mulçumano em relação à escuta do *destan* de *Asli et Kerem*. Nos anos de 1970, a rádio local de Úrmia dedicou um programa às recitações do *Ashik Dehgan*. A família do narrador tinha duas galinhas que sempre iam ao quintal do vizinho mulçumano. Ele ouvia esse programa toda noite e

encena os atos heroicos de uma pessoa ou de uma nação. É importante lembrar sobretudo sua definição, já que ela está associada à vida social. O autor considera que o *destan* aparece entre os povos que têm uma vida coletiva e social em falta no Oriente²⁷. Para ele, a literatura oriental limita-se aos mundos árabe, persa e turco, e resume-se à literatura de *diwan*. Usando a teoria da evolução de Spencer, que afirma pertencer a epopeia à uma época anterior em relação a outros gêneros, o crítico turco acha mais “natural” que a epopeia tenha vindo depois da canção. De fato, ele distingue duas etapas: na primeira etapa, a canção dá ao homem a oportunidade de declamar “seu amor”, “sua paixão”, “seus sentimentos egoístas” – e dentro de um cenário mítico, possivelmente religioso; em uma segunda etapa, o homem ocupa-se dos “conflitos e das crises”; no momento em que se criam as sociedades e as nações, a epopeia é responsável por representar esse “espírito coletivo²⁸”. Embora admita-se que outrora tenha havido entre os turcos obras dignas aproximadamente desse qualificativo, não tarda evidenciar o fato de que não resta nada e que nenhuma dessas obras refletem a vida da nação. Nenhuma então poderia ser considerada uma epopeia. É por essas mesmas razões (lirismo, subjetividade, sentimentos pessoais) que se exclui o *Shâh-Nâme*, de Ferdowsi e a poesia épica árabe²⁹.

Embora M. F. Köprülü, apesar de suas referências constantes às teorias e aos conceitos europeus, em particular francês, conserve o termo *destan*, o termo *epope* (transcrição turca de “*epopée*”) entra no discurso crítico e literário do Império Otomano nesse mesmo período. Em 1918, A. C. Yöntem publica um artigo intitulado “O que é a epopeia?”, em que ele coloca a questão do gênero, argumentando a respeito da teoria da criação coletiva da epopeia³⁰. Ele sustenta a ideia de que na era moderna a criação de novas epopeias é impossível. Segundo ele, se os Gregos puderam escrevê-la, foi em função de o tema da epopeia viver na consciência deles antes que um Homero o fizesse de matéria de seu poema – ao passo que a vida moderna não produz mais tais temas.

indignava-se cada vez que o pai de Asli, a moça armênia, levava-a para longe de seu amado mulçumano, para evitar o casamento dela. Ele então deixava as galinhas irem para seu quintal. Depois de dezenas de sessões, quando no *destan* o pai da amada começa a preparar outra estratégia, o vizinho enerva-se novamente contra as galinhas... (Akbarpouran, Monire, “Ghoft-e gui darbarey-e honar-e dastan sorayi-e ashigi”, (گفتگوی درباره ی هنر داستانرایی عاشیقی), [Entrevista sobre a tradição dos Ashiks], *Elbilimi*, N° 82 (2016), p. 131-146).

²⁷ Köprülü. Mehmet Fuad & Şahabeddin. Süleyman, *Malumat-ı Edebiyye*, [Précis de littérature], Istanbul, Kanaat, 1914.

²⁸ *op. cit.*, p. 251-252.

²⁹ *Idem*.

³⁰ Yöntem, Ali Canip, “Epopé Nedir?”, [O que é a epopeia?], *Yeni Mecmua*, vol. 2, N° 62 (1918/ Juillet), p. 193-195.

Ele cita as definições elaboradas nos séculos XVIII e XIX na França³¹, e então dá uma definição diferente daquela dos *destan*. Convencido que a palavra epopeia não tem nenhum equivalente em turco e que não se pode traduzi-la, A. C. Yöntem introduz o termo *epope* no discurso crítico e literário turco, sem o aplicar aos *destan* contemporâneos ou antigos.

R. Filizok, em um artigo dedicado à apresentação da obra de A. C. Yöntem, destaca que, para A. C. Yöntem, a *Ilíada* carregava a marca da sociedade, como também do indivíduo, sendo o produto da união entre os valores individuais e coletivos. Assim, o plano a seguir na literatura turca é claro para Filizok: o casamento da cultura popular com a criação individual pode evidentemente ainda fazer nascer obras originais com uma coloração épica. “Obras com coloração épica”, mas não epopeias³². Ele realmente dá continuidade em outros três artigos: “É a epopeia um gênero moderno?³³”, “Novamente sobre epopeia³⁴”, “Da literatura estrangeira, quem é Homero? A que gênero pertencem a *Ilíada* e a *Odisseia*?³⁵”. Nesses artigos, ele explica as duas etapas necessárias para a criação da epopeia: 1) a criação coletiva de mitos e de lendas; 2) a transformação dessa matéria bruta em epopeia por um poeta. O que é particularmente interessante nessa observação de Yöntem é que para ele os dois *destan* turcos *Battalname*³⁶ e *Köroğlu*³⁷ permaneceram na primeira etapa – nenhum poeta os transformou em epopeias. E agora não se pode ir mais longe: a epopeia não pode ser criada em uma época em que o racionalismo se sobrepõe à imaginação. Como exemplo de obra com coloração épica e original que se aproxima da epopeia, ele cita *La Henriade*, de Voltaire, uma bela história da França, mas não é uma epopeia³⁸. Ele também insiste

³¹ *op. cit.* p. 114-117.

³² *op. cit.* p. 123.

³³ Yöntem, Ali Canip, “Epopé Asrî Bir Nevi Midir ?”, [É a epopeia um gênero contemporâneo?] *Büyük Mecmua*, 1919 / Mars, N° 4, p. 58-59.

³⁴ Yöntem, Ali Canip, “Yine Epopeye Dair”, [Novamente sobre a epopeia], *Büyük Mecmua*, 1919 (1335) /Avril, N°6, p. 84-85.

³⁵ Yöntem, Ali Canip, “Ecnebî Edebiyatı, Homer Kimdir ? İlyada ve Odisse Nasıl Eserlerdir ?”, [Da literatura estrangeira, quem é Homero? A que gênero pertencem a *Ilíada* e a *Odisseia*?], *Millî Talim ve Terbiye Cemiyeti Mecmuası*, 1918 (1334) / Août, N° 5, p. 7-18.

³⁶ Intitulado igualmente *Battal Gazi destani*, trata-se da narrativa épica criada em torno da vida fabulosa de um certo Seyed Battal Gazi, comandante árabe na guerra entre os Umayyads e Bizâncio, nos séculos VII e VIII, e escrita em prosa nos séculos XII e XIII. Ver Say, Yağmur, *Türk İslam tarihinde ve geleneğinde Seyyid Battal Gazi ve Battalname*, [Seyyid Battal Gazi et Battalname na história e a tradição turco-islâmica], Ankara, Sistem Ofset Matbaacılık, 2009. Disponível em : <http://www.eskisehir.gov.tr/sarici/battalname-kitap.pdf> (acessado em 15/02/2015).

³⁷ Epopeia criada no século XVI e ainda viva na Turquia, no Azerbaijão, no Irã e também nos países da Ásia Menor.

³⁸ Filizok, Rıza, *Ali Canip'in hayatı ve eserleri üzerinde bir araştırma*, [Estudo sobre a vida e a obra de Ali Canip], Izmir, éditions de l'université d'Ege, 2001, p. 118.

na origem oral das epopeias homéricas, citando as teorias que colocam em cheque a existência de Homero como autor desses poemas. Explicando diferentes classificações da epopeia no Ocidente, ele faz alusão à epopeia romântica, mas para negá-la: o termo, para ele, deve ser reservado para a forma da qual a *Ilíada* é o modelo³⁹.

Em 1919, F. Köprülü, em um artigo intitulado “A questão da epopeia”⁴⁰, contesta essa tese de A. C. Yöntem. Nesse artigo, ele usa o termo francês para argumentar justamente que a epopeia é sempre possível. Köprülü sustenta que a literatura turca se encontrava no fim do século XIX e no começo do XX em uma época romântica; era normal que ela se voltasse para o passado e para o folclore para criar epopeia. Ele aconselha, portanto, o retorno aos antigos *destan*, ou melhor, ao que resta deles, e insiste que esse retorno não é para tomá-los como eles são, mas para adaptá-los à época⁴¹. É a partir da crítica de Yöntem, e das conclusões tiradas do livro de Ribot⁴², que Köprülü ataca as teorias apresentadas pela corrente da *literatura nacional*⁴³. Em essência, Köprülü desenvolve a ideia de que é possível coletar o que resta dos *destan* nacionais para constituir um *destan* que casaria as exigências do gênero épico. Seu pensamento, portanto, evoluiu amplamente desde seus primeiros trabalhos.

Essa mudança de Köprülü sobre a concepção do gênero ainda é mais evidente um ano depois de sua *História da literatura turca*. Ali, ele usa a palavra *destan* (tornada *milli destan* ou epopeia nacional), cuja definição se amplia o suficiente para incluir um maior número de obras épicas. O *Shâh-Nâme*, de Ferdowsi, desta vez pôde ser incluído na lista, ele é visto posteriormente por Ferdowsi como tendo sido “fixado por escrito”. Em seguida, o autor dedica uma seção aos *destan* turcos. Ele procura determinar o território de cada *destan* e desenha assim o trajeto das migrações turcas.

É difícil precisar o elemento que causou essa mudança de ponto de vista em Köprülü, mas o que é evidente é que *O Livro de Dede Korkut* é a essa altura bem conhecido e que o autor o apresenta (bem como o *destan* de *Köroglu*) como uma versão escrita de *destan* pré-islâmicos. Parece que a descoberta do *Livro de Dede Korkut* levou o pesquisador a desenvolver e corrigir sua primeira concepção dos *destan* turcos. Um

³⁹ *op. cit.*, p. 117-118

⁴⁰ Köprülü, Mehmet Fuad, “Epepe Meselesi”, [A questão da epopeia], *Büyük Mecmua*, N°5, 1919. p. 68-69.

⁴¹ *Ibidem*.

⁴² O filósofo francês Théodule Ribot (1839-1916) desenvolve através de várias obras uma filosofia dos sentimentos.

⁴³ Citado por Karakoç, Kani İrfan, “*Ulus-Devletleşme Süreci ve Türk edebiyatı'nın İnşası (1923-1950)*”, [O processo de constituição do Estado-Nação e a construção da literatura turca], Tese de Doutorado, universidade de Ankara, 2002.

segundo elemento é a descoberta dos *destan* de outros povos turcos pelos intelectuais que começam a defini-los, referindo-se a esses outros povos mais que aos Árabes e Persas (e, ainda que em matéria de epopeia, eles não puderam impedir a penetração do *Shâh-Nâme*⁴⁴). A fama de *Köroğlu* é nessa época muito grande e generalizada para que Köprülü não o conhecesse. Apesar de ele não falar sobre o livro antes, não terá sido por causa do *status* inferior que ele concedeu a um *destan* que ele sempre recitou e cantou? Não seria isso um sinal que o mesmo termo, *destan*, não tem sempre a mesma conotação ou denotação para os críticos e teóricos?

Oghur Erol, em sua tese, assinala a publicação de A. C. Yöntem de um manual escolar de literatura, entre os anos de 1925 e 1928, onde se encontra uma categoria chamada “*as formas da poesia nacional*”. Nesta categoria, o *destan* aparece ao lado de outras formas, como por exemplo *koşma*⁴⁵ ou *tuyug*⁴⁶; não é uma questão de gênero, mas de *forma*⁴⁷. Na nova edição do mesmo manual, em 1929, reeditada com outro título (*Literatura dos ashik e formas da poesia nacional*), o *destan*, o *koşma* e o *tuyug* são sempre reunidos em uma mesma categoria e algumas explicações (como alguns extratos de literatura dos *ashik* presentes no livro) acentuam a inclusão do *destan* na tradição oral⁴⁸. K. İ. Karakoç – autor de uma tese em que o objetivo é estudar a construção da literatura durante o processo de construção de Estado-Nação na Turquia – ressalta a existência de programas de rádio dedicados ao *destan*. Nesse caso, ele não é entendido como um gênero escrito, mas como um longo poema em estilo épico, em que o tema podia variar e celebrar tanto o sucesso dos dirigentes da República, quanto dos “*gazi*”⁴⁹. Em outras partes desses mesmos programas, o *destan* referia-se aos poemas compostos e cantados dentro da tradição oral pelos *ashik*⁵⁰. A epopeia continuava admirada e inacessível com suas conotações eurocêntricas.

⁴⁴ Köprülü, Mehmet Fuad, *Türk edebiyatı tarihi*, [História da literatura turca], Istanbul, Imprimerie Amere (em alfabeto árabe), 1920

⁴⁵ Uma forma poética composta de 2-4 quadras, de versos octossílabos e hendecassílabos.

⁴⁶ Forma poética muito antiga em quadra.

⁴⁷ Erol, Oğur, “Ali Canip Yöntem'in Cumhuriyet Döneminde Edebiyat Öğretimi İçin Hazırladığı Ders Kitapları”, [Os manuais escolares organizados por Ali Canip Yöntem para o ensino de literatura no período da república], *Revue de la faculté de l'éducation de l'université d'Uludağ*, 2009, vol. 22, N° 2., p. 285.

⁴⁸ *op. cit.*

⁴⁹ Karakoç, Kani İrfan, “*Ulus-Devletleşme Süreci ve Türk edebiyatı'nın İnşası (1923-1950)*”, [O processo de constituição de Estado-Nação e a construção da literatura turca], Tese de Doutorado, Universidade de Ankara, 2002. p. 154.

⁵⁰ *Ibidem.*

Em uma obra de 2013, O. A. Kayabaşı e R. G Kayabaşı mostraram que todos os participantes desse debate, reunidos em torno da “questão da literatura nacional”, admiravam a literatura grega antiga, mas não quiseram um modelo, nem uma fonte de inspiração como fizeram os Europeus. Por isso, eles preferiram se referir à cultura turca e aos antigos *destan* turcos⁵¹. Como conciliar esta constatação com as propostas de A. C. Yöntem sobre “as roupas à moda antiga” e os “*destan* chorosos”? É possível dizer que eles atribuem dois significados diferentes ao *destan*? Um, antigo, refere-se a uma realidade que eles admiravam; o outro, fazia referência a uma parte do repertório desprezado dos *ashik* da época? As observações sobre esse tema não são suficientemente claras. Não é descabido pensar que se A. C. Yöntem prefere a palavra francesa e que a usa apenas em um número limitado de obras europeias, é justamente porque ele não pode partir de uma definição fixa do *destan*, que será comparável em precisão às definições construídas a partir das epopeias homéricas. Assim, ele conserva o termo francês *épopée* – em grafia turca – e coloca apenas no subtítulo a palavra *destan* acompanhada do adjetivo *nacional*⁵². Presumindo haver algum parentesco com o *destan* turco, a epopeia, dentro dessa perspectiva, destaca-se por ser *nacional*. O autor não aborda a questão do que faz um *destan* ser nacional, mas parece que a resposta provavelmente está na etapa da criação individual, a única, para ele, que falta aos *destan* turcos.

Possivelmente é na mesma perspectiva que Cenap Şahabettin, crítico e jornalista contemporâneo de Yöntem, usa o termo “era da epopeia-*destan*⁵³”, sem admitir que o *destan* seja o equivalente à epopeia. A esta última, ele credita a seu processo de criação, uma etapa a mais que o *destan*. Se a maioria dos teóricos se referiam à falta de uma etapa – recuperável ou não – Zia Gökalp escolhe um retrocesso. Embora ele não se refira ao termo *épopée* ou a uma concepção explícita dele, Ziya Gökalp classifica os *destan* turcos e coloca-os sob o título de *menkıbe* e *ustûre*⁵⁴. Esses dois termos árabes existiam

⁵¹ Kayabaşı, Onur Alp et Kayabaşı, Rabia Gökçen, “Ali Canip Yöntem ve Batı’dan Giren Bir Terim : Epope”, [Ali Canip Yöntem e um termo importado do Ocidente (*epope*)], *21Yüzyılda Eğitim Ve Toplum Eğitim Bilimleri Ve Sosyal Araştırmalar Dergisi*, vol. 2, N° 4 (2013), p. 153-160. p. 154.

⁵² Filizok, Rıza, *Ali Canip'in hayatı ve eserleri üzerinde bir araştırma*, [Um estudo sobre a vida e a obra de Ali Canip], Izmir, éditions de l’université d’Ege, 2001. p. 15.

⁵³ Ercilasun, Ahmet Bican Bilge, “Meşrutiyet Tenkidinde Batıdan Giren Terimler”, [Os termos importados do Ocidente na crítica ao período da Constituição], *Electronic Turkish Studies*, vol. 4, N° 1-I (2009/ hiver), p. 373-408.

⁵⁴ *Menkıbe*: depois da *Enciclopédia turca do islam*, o termo aplicava-se à origem das narrativas de virtudes dos companheiros do Profeta e foi a partir do século XI que os *menkıbe* também começam a contar os prodígios realizados por homens santos e míticos sufis. Depois do século XII e da organização de diversas escolas sufis, o termo é também

já entre os turcos, mas os significados conferidos pelo autor são bem diferentes dos encontrados nos dicionários do período otomano. Venerando o passado mítico turco e os *destan* recentemente redescobertos, Zia Gökalp recorreu a esses termos mais arcaicos a fim de evitar a banalidade e falta de originalidade do jargão da tradição oral. Assim, ele estabelece uma concepção mais original do gênero ao qual os fragmentos de *destan* que chegaram até nós teriam pertencido e destaca o significado mítico e místico do gênero⁵⁵.

Aqueles que usam a palavra *épopée*, como vimos, esforçam-se em diferenciar o *destan* como uma forma literária do repertório dos *ashik* – lendas e mitos dos quais nenhum poeta fez uma epopeia. Aqueles que preferem o termo *destan* utilizam-no para designar tanto os *destan* arcaicos quanto os *destan* mais recentes e as epopeias homéricas, mas eles não atribuem o mesmo valor às três categorias. Para esses autores, as epopeias homéricas constituem de fato os modelos perfeitos do gênero e sempre falta a última etapa – a composição por um poeta – aos *destan* arcaicos, mais próximos da era do *destan*, era que antecede à islamização e à fixação dos turcos, bem como sua divisão em vários ramos⁵⁶. Os *destan* não heroicos e os *destan* mais recentes cantados pelos *ashik* são agora qualificados como *hikaye*.

Apesar dos teóricos serem reticentes em assimilar o *destan* à epopeia, muitos criadores estão prontos para fazê-lo. Nos anos da guerra de independência turca, houve

usado nas biografias de chefes de tribos e de sufis famosos. Şahin, Haşim, “Menâkibnâme”, In : *Islam ansiklopedisi*, Türkiye Diyanet Vakfı, 2004, vol. 29, p. 112-114. *Ustûre*: No dicionário turco-otomano, esse termo é a tradução exata de “mitologia” e não há nenhuma conotação épica. (Ver, online : <http://www.luggat.com/117790/usture>).

⁵⁵ Ver Gökalp, Ziya, *Türk Töresi [1923], [A tradição turca]*, İstanbul, K.B.Y., 1976 ; Gökalp, Ziya, *Türk Medeniyeti Tarihi [1924], [História da civilização turca]*, İstanbul, K.B.Y., 1926. Apesar dessas duas denominações, *menkıbe* e *ustûre*, propostas por Ziya Gökalp como equivalentes da epopeia nunca terem sido retomadas por seus sucessores, elas podem ser explicadas por referência aos próprios *destan*. Grande parte dos *destan* pré-islâmicos – para não dizer todos – chegaram até nós apenas em forma de narrativa, em forma de alusão nas crônicas do período islâmico. Não sabemos quase nada sobre suas formas originais. Quanto aos *destan* do período islâmico, há na maioria um santo ou um *gazi* como herói principal e eles podem facilmente ser inseridos no gênero islâmico *menkıbe*. A grande influência do culto dos santos e dos *gazi* sobre os *destan* criados na Anatólia antes e durante o período otomano é inegável, o que explica o parentesco Zia Gökalp estabeleceu entre esses gêneros e o *destan*. Não faltam afinidade temáticas entre os dois gêneros e há grande quantidade de exemplos que comprovam a existência de uma concepção idêntica da narrativa da vida de santos sufis e as narrativa que contam as façanhas de um herói. O *Simavne Kadısı Oğlu Şeyh Bedreddin Destanı*, de Nazim Hikmet publicado pela primeira vez na Turquia em 1936, retoma um evento histórico da vida de um grande sufi do século XIV- XV. Esse mesmo *destan* é também comparado ao *destan* de Köroğlu. (Akdik, Hazel Melek, “Sözlü kültürden modern edebiyata bir köroğlu anlatısı : simavne kadısı oğlu Şeyh Bedreddin destanı” [Uma narrativa de Köroğlu da tradição oral à literatura moderna: o *destan* de Şeyh Bedreddin, o filho do juiz de Simavne], *Milli Folklor*, vol. 24, N° 96 (2012), p. 129-136). Nazim Hikmet propõe a narrativa da vida desse sufi em uma perspectiva épica bem próxima daquela do *destan* de Köroğlu.

⁵⁶ Esta ideia é cara aos pensadores e teóricos dos anos 1910-1930 e associada ao turanismo (movimento social), que concebe esses povos de origem turca como um conjunto sociocultural. Como A.C. Yöntem bem pontua, não se trata só da questão da raça, mas também da questão da língua.

muitas tentativas de reescrita de *destan* turcos⁵⁷, como mostra a lista dada por Ali Duymaz na sua análise dos *destan* escritos por Ömer Seyfettin⁵⁸. Os escritores das obras nas quais o termo *destan* aparece nos títulos ou subtítulos certamente não compartilham da mesma concepção do gênero; eles podiam querer revivê-lo como tal ou criar o que lhes parecia serem verdadeiras epopeias a partir de fragmentos de *destan* arcaicos. Para Ziya Gökalp, *Altın Destanı* é o *destan* mais completo dos turcos e foi destinado a corresponder ao *Shâh-Nâme*, de Ferdowsi⁵⁹. Basri Gocul, com sua grande obra, "*Epopeia nacional dos Oghuz*⁶⁰", é o maior destaque dessa corrente. Nazim Hikmet⁶¹ e Fazıl Hüsnü Dağlarca⁶² dedicam seus *destan* às guerras das quais são testemunhas. Enquanto M. N. Sepetçioğlu interessa-se em reescrever uma narrativa pré-islâmica sobre a criação, da qual há apenas um pequeno resumo⁶³. A. Ziya Kozanoğlu⁶⁴ prefere reescrever o *destan* de Battal Gazi. Niyazi Yıldırım dedica quase toda sua carreira, de 1952 a 1991, à criação de *destan* de todos os gêneros; ele reescreve os *destan* arcaicos e cria novos com temas guerreiros, abandona a versificação importada da literatura de *diwan* em favor da versificação tradicional turca e não hesita em introduzir nos seus *destan* os elementos emprestados da literatura mística e da literatura popular⁶⁵. O poeta iraniano Bulud Qaraçorlu Sehend, por sua vez, escreve em versos as narrativas de Dede Korkut⁶⁶.

⁵⁷ Também referida como "*época da guerra da libertação*", esse período que vai de 1919 a 1922 começa com o colapso do Império Otomano no fim da primeira guerra mundial e se estende durante as guerras civis e a guerra de independência travada por Ata Türk contra as grandes potências que buscavam, seguindo o tratado de Sèvres, retomar os territórios perdidos do antigo império.

⁵⁸ Duymaz, Ali, "Ömer Seyfettin'in kaleme aldığı destanlar üzerine bir değerlendirme", [Investigação sobre os *destan* escritos por Ömer Seyfettin], *Balikesir University Journal of Social Sciences Institute*, vol. 12, N° 21 (2009), p. 415.

⁵⁹ Gökalp, Ziya, *Altın Destan*, [O *destan* de ouro], *Genç Kalemler*, vol. III, N°14 (1327/ 1911), p. 41-43.

⁶⁰ Ele oferece nessa obra uma narrativa de Oghuz khagan complementada por outros *destan* turcos, dentre os quais o *Livro de Dede Korkut*.

⁶¹ Composto em 1941 e publicado pela primeira vez na Turquia, em 1956, *Kurtuluş Savaşı Destanı*, [O *destan* da guerra da libertação] será, em 1968, retomada com outro nome, ver Hikmet, Nâzım, *Kuvayi Milliye Destanı*, [O *destan* do exército nacional], (1956, primeiro título: *Kurtuluş Savaşı Destanı*, [O *destan* da guerra da libertação]), Istanbul, Bilgi, 1968.

⁶² Citamos a título de exemplo *Çanakkale Destanı*, [O *destan* da guerra de Çanakkale] publicado em 1965.

⁶³ Sepetçioğlu, Mustafa Necati, *Yaratılış ve Türeyiş*, [A criação e a procriação], Ankara, Türk Kültürünü Araştırma Enstitüsü, 1965.

⁶⁴ Kozanoğlu, Aptullah Ziya, *Battal Gazi Destanı: Türk romanı*, [*Destan de Battal Gazi: um romance turco*], Ankara, Atlas Kitabevi, 1965.

⁶⁵ Sobre o aspecto místico nos *destan* de Niyazi, ver Durmuş, M. "Destan Şairi Niyazi Yıldırım Gençosmanoğlu'nun Asya'dan Anadolu'ya Göçen Ruha ve Ahi Evren Kültürüne Bakışı", [sobre o "espírito" da Ásia introduzido pelos turcos na Anatólia durante sua imigração e a cultura de Ahi Evran], primeiro symposium internacional de *Ahilik Kültürü ve Kırşehir*, Kırşehir, 2008, 15-17 Outubro, disponível em Academia.edu.

⁶⁶ Sehend, B. K. Sazımın Sözü, *İntişarat-ı Şems*, Tebriz (sem data, publicado depois das cronologias nos anos 1962-1963).

Apesar dessa diversidade que marca a “renascença turca”, graças aos *destan*, para retomar a expressão de Ümmühan Topçu⁶⁷, o patriotismo e a ideia de reviver o passado heroico com o objetivo de constituir uma nova identidade são o ponto em comum da maior parte dessas visões sobre o gênero. Na mesma perspectiva, duas outras coleções de poemas provenientes do mesmo movimento poderiam nos interessar na medida em que eles apresentam um *Shâh-Nâme* turco: o de Mithat Cemal Kuntay, publicado em 1945, utiliza a mesma métrica que o *Shâh-Nâme* original e o de Basri Gocul, publicado em 1955. Lâle Uluç dá, em um estudo detalhado, uma longa lista dos *Shâh-Nâme* escritos em persa na corte dos sultões otomanos, para quem são dedicados, e de traduções em turco do *Shâh-Nâme*, de Ferdowsi⁶⁸. Essa boa recepção do *Shâh-Nâme* encontraria assim extensão nesses dois trabalhos, em que não se trata mais de imitação ou tradução, mas sim de *destan* turcos. Todos esses esforços são sinais de uma falta que os *destan* deveriam preencher.

Tudo isso acontece então como se um povo que não possuísse uma epopeia nacional, não poderia ser considerado plenamente uma nação: o período no qual se constitui e se constrói o Estado-Nação turco é caracterizado por esse desejo de epopeia e pela busca de textos para satisfazê-lo. Para resumir, poderíamos dizer que os críticos seguiram praticamente todas as pistas possíveis: considerar a epopeia grega como um modelo, acessível ou não, voltar-se para a literatura turca – mesmo que seja uma forma equivalente (ou não) do gênero “epopeia”, apesar da variedade de temas, heroicos, mas também, por vezes, amorosos.

Visão geral dos debates sobre as noções de epopeia, de *destan* e de *hikaye* no mundo turcófono

A *literatura nacional* é um conceito-chave da corrente que introduz as noções de *epope* e de *epik* na Turquia, e a equivalência entre *destan* e *épopée* só se concretizou depois de muitos debates sobre o gênero nos séculos XIX e XX. Paralelamente, os turcos iranianos recorrem apenas ao termo árabe importado do persa, *hamasa*, bem como os persas, e essencialmente em referência ao *Shâh-Nâme*. Nesse contexto iraniano, a

⁶⁷ Topçu, Ümmühan, “Hilmi Ziya Ülken’de Türk Rönesansı Arayışı ve Destan”, [A busca de uma renascença turca e o *destan* em Hilmi Ziya Ülken], *Millî Folklor*, 17^e année, N° 65 (2005), p. 102-105.

⁶⁸ Uluç, Lâle, “The Shahanama of Firdausi in the Lands of Rum.”, In : *Shahnama Studies II : The Reception of Firdausi’s Shahnama*, Charles Melville & Gabrielle van den Berg (éds.), Brill, 2012, p. 161-180.

palavra *destan* foi sempre utilizada apenas em referência ao rico repertório da tradição oral *ashik*. Aí está a ambiguidade do termo que destacamos: essa tradição não faz distinção entre as obras épicas – como o *destan* de *Köroğlu* e *Qaçaq Nebi*⁶⁹, e narrativas amorosas – como o *destan* de *Ashik Garib e Shah Sanam* ou o de *Asli e Kerem*. Uma constatação da mesma ordem pode ser feita em relação ao Azerbaijão – que então fazia parte da União Soviética e onde o termo russo *эпос* (*epos*) apareceu no século XX⁷⁰ – normalmente, o termo é aplicado apenas às epopeias canônicas não turcas, como a *Ilíada* e a *Shâh-Nâme*, bem como ao *Livro de Dede Korkut*, que não faz mais parte do repertório dos *ashik*. A quase totalidade das obras narrativas pertencente a esse repertório é chamada *destan*.

A confusão que existe no século XX na Turquia sobre o *destan* igualmente se encontra entre os turcos da Ásia Central. De fato, Karl Reichl, nos seus diferentes estudos sobre as epopeias turcas, sobretudo as dos turcos da Ásia Central, admite a existência de uma profunda confusão na tentativa de distinguir *destan* “narrativa épica” e *hikaye* “narrativa de amor” ou “romance”⁷¹. *Romance* é definido por ele como “um rótulo geral para designar uma vasta variedade de subgêneros épicos em que o modo heroico não é o modo dominante”⁷². Ele também observa que nas tradições em que há puras epopeias em verso, os *romances* se caracterizam por sua forma prossimétrica (em prosa). Por exemplo, entre os Kazakhs em que as epopeias como *Alpamiş* e *Qoblandibatır* são integralmente em versos, existem os “*love epics*”, que misturam verso e prosa. Ele destaca também que outras tradições (turcas, azerbaijanas, turcomenas, usbeques e uígures), que têm apenas a epopeia prossimétrica, têm uma notável predileção pelos temas líricos em suas epopeias⁷³. Para ele, na tradição oral da Ásia Central que ele estudou, um *destan* caracteriza-se pelos critérios formais e por seu contexto de comunicação. O *destan* seria uma narrativa exclusivamente em verso ou uma mistura de verso e prosa, longo o suficiente para compreender mais de um episódio e para

⁶⁹ *Destan* composto pelos *ashik* anônimos nos séculos XIX-XX sobre os combates de *Qaçaq Nebi* contra os tzares russos durante a segunda metade do século XIX.

⁷⁰ As primeiras publicações de Homero em azeri, e a Bakou, são feitas em 1977 e 1978 (Ver : Homer, *Ilyada* (trad. Rzagülzadə, Mikayil), Bakou, Azərənəşr, 1978 ; Homère, *Odisseye* (trad. Ziyatay, əlekber), Bakou, Azərənəşr, 1977). Entretanto, o termo já havia sido introduzido há muito tempo em textos críticos.

⁷¹ cf. Reichl, Karl, *Turkic oral epic poetry. Traditions, Forms, Poetic Structures*. New York and London: Galad Publishing, 1992, p. 130-133.

⁷² *op. cit.*, p. 130.

⁷³ *op. cit.*, p. 130.

permitir a elaboração de cenas (como monólogos e diálogos). Acima desses critérios formais (entre eles os que se referem à estrutura narrativa e ao comprimento são certamente mais relativos que absolutos), o *destan* é definido por referência ao contexto de comunicação: é “uma narrativa executada em um cenário cerimonial [...], em um estilo particular de canto e recitação e, de um modo geral, acompanhado de um instrumento”⁷⁴.

K. Reichl distingue seis grupos de epopeia oral turca, e admite que nas epopeias do terceiro grupo, a saber as dos turcos da Ásia Central (quirguizes, cazaques, caracalpaques, uigures e usbeques), existe uma grande variedade de *destan*: os *love-romance*, bem como epopeias no sentido de epopeias homéricas; enquanto que entre os povos turcos do Sudoeste (turcomenos, azerbaijanos, e turcos da Anatólia), há uma preferência pelos “*love and adventure romance*”⁷⁵.

A definição do *destan* nos estudos modernos

Hoje a *Grande Encyclopédie de l’Islam* define o *destan* como uma longa narrativa (*hikaye*) em verso, que conta os eventos históricos ou sociais que marcaram profundamente a sociedade⁷⁶. Ela acrescenta que é igualmente o nome de uma forma literária acompanhada do *saz*⁷⁷. Essa enciclopédia dá como sinônimos de *destan*: *hikaye*, *masal* (“conto”), biografia, *hikaye* em verso, *kissa* (“parábola”), *Vakainame* (“crônica”), história, romance e fábula. Uma definição pouco precisa cujos elementos, no entanto, não são totalmente desconhecidos do leitor francófono. De fato, alguns dos gêneros

⁷⁴ *op. cit.*, p. 124. Teria sido o mesmo para as performances *ashik* dos turcos ocidentais? Por falta de documentos, não se pode falar do passado distante, mas para um bardo de hoje cantar *Köroğlu* ou uma narrativa amorosa como *Asli ile Kerem* não parece fundamentalmente diferente: geralmente o bardo não classifica as obras de seu repertório em função de seu caráter guerreiro ou não guerreiro. A única exceção são os casos de performance durante as festas de casamento que poderiam durar sete dias e dariam uma privilegiada oportunidade para recitar e cantar “os *destan* de amor” (*Mahabbat dastani*). Nos outros contextos, nada parece realmente distinguir *hikaye* e *destan* aos olhos dos recitadores. A música que acompanha o *destan* de amor ou o *destan* “épico” não pode mais servir de marca distintiva: ela não é por si só nem épica nem lírica, mas muda em função dos episódios. Assim, uma passagem muito comum entre os Qashqai, no Irã é aquela em que o herói principal, Koroğlu, interroga os Gruidas para saber se eles viram ou não seu companheiro de guerra, Eyvaz. A música que acompanha este episódio é extremamente triste e romântica.

⁷⁵ Reichl, Karl, *The oral epic: performance and music*, V.W.B, 2000, p. 19-20.

⁷⁶ Yetiş, Kâzım, “*Destan*”, [Destan], In: *Islam ansiklopedisi*, Türkiye Diyanet Vakfı, 1994, vol. 9, p. 202-205.b

⁷⁷ Alaúde de três cordas tocado pelos *ashik*.

vizinhos que são mencionados como sinônimos – para não dizer todos – aparecem igualmente na definição que a *Encyclopédie Universalis* fornece sob o nome de *épopée*⁷⁸.

A segunda metade do século XX vê a continuidade da busca pelo épico na literatura turca e as tentativas de fazer do *destan* seu equivalente. Nos anos 1950, B. Ögel desenvolve um estudo a respeito da presença dos mitos nos *destan* turcos e ele também vê elementos de crenças xamânicas. Depois dele, İ. Abdülkadir propõe uma visão geral sobre as epopeias turcas. Ele abre seu longo estudo com uma citação de uma passagem do *destan de Alp Er Tunga*⁷⁹, que chegou até nós pelo livro de Mahmoud de Kashgar. Ele sustenta a existência de uma vasta tradição épica turca que teria chegado até nós somente aos pedaços⁸⁰. Nesses mesmos anos, N. S. Banarlı, para quem “as epopeias são de histórias, em versos, de religião, de virtude e de aventuras heroicas das nações”⁸¹, supõe a existência de uma antiga tradição épica comum aos turcos e aos hunos⁸². *Destan* é, segundo ele, “o equivalente de epopeia e de lenda”. A lenda conta sobre a pré-história, enquanto a epopeia fala mais dos heróis que viveram nos períodos históricos⁸³. Boratav publica, em 1959 um artigo para distinguir a epopeia dos *hikaye*. O autor, fluente em francês, mantém sua concepção sobre o gênero marcada pelas teorias francesas⁸⁴.

Nos anos 1980, o estudo tipológico dos personagens domina as pesquisas sobre a epopeia, em particular com M. Kaplan, que se destaca como referência mais importante dessa corrente. O estudo do tipo do herói guerreiro e seus avatares nos *destan* é então essencial para a definição do gênero. Desde os anos 1990, as teorias da

⁷⁸ Nicole Revel, Christiane Seydou, Maria Couroucli, Altan Gokalp, Emmanuèle Baumgartner, Jocelyne Fernandez, Roberte Nicole Hamayon, Pierre-Sylvain Filliozat, François Macé, artigo “Épopée”, *Encyclopædia Universalis* [online] : <http://www.universalis.fr/encyclopedie/epopee/>.

⁷⁹ Trata-se de uma passagem elegíaca sobre a morte do grande herói, Alp Er Tunga. O real interesse dessa passagem está no fato de haver nas fontes escritas dos povos vizinhos numerosas referências a esse rei turco e que é identificado como o rei de Turan – o país e o povo inimigo do Irã no *Shâh-Nâme* –, Afrasiyab. Esse *destan* cujo título aparece sempre na lista dos *destan* turcos pré-islâmicos desapareceu e foi reescrito. Associar essa passagem e as alusões a esse personagem a um *destan* que relata as guerras entre os turcos e os persas retoma sobretudo o desejo dos turcos de ter um grande *destan* que daria outra versão das coisas, um *destan* “ao contrário” em comparação ao *Shâh-Nâme*. Par uma síntese sobre Alp Er Tunga cf. Abdurrahman, Varis, “Tarihteki Efsanevi Turan Padişahı Alper Tunga Hakkında”, [Sobre o rei mítico de Turan, Alp Er Tunga na História], *Tarih Araştırmaları Dergisi*, vol. 22, N°35 (2004), p. 1-8.

⁸⁰ Abdülkadir, İnan, “Türk Destanlarına Genel Bir Bakış”, [Visão geral dos *destan* turcos], *Türk Dili Araştırmaları Yıllığı Belleten*, 1954, p.

⁸¹ Banarlı, Nihad Sami, *Resimli Türk Edebiyatı Tarihi*, [História ilustrada da literatura turca], Ankara, M. E. B., vol. 2, N° 997 (1971). p. 1

⁸² *Ibid*, p. 23

⁸³ *Ibid*, p. 2.

⁸⁴ Boratav, Pertev Naili, *Halk hikâyeleri ve halk hikâyeciliği*, [As *hikaye* populares e a tradição da *Hikaye* popular], İstanbul, Adam, 1946.

oralidade tornam-se mais importantes. A figura mais significativa nessa perspectiva é sem dúvida D. Yıldırım, que continua sua carreira no século XXI recorrendo à teoria da recepção⁸⁵.

Em seguida, H. B. Paksoy publica seus primeiros trabalhos que contém análises e observações muito originais. Nos anos que se seguem, trabalhando no *destan d'Alpamiş* (*destan kazakh*), por exemplo, Paksoy⁸⁶ se distingue de seus colegas por suas observações de ordem sociológica e seu interesse pelos *destan* dos turcos do Nordeste. Segundo ele, as sociedades providas de *destan* lembram-se dele e o recitam apenas como resultado da vitória ou da derrota, no desejo de transmitir valores à geração seguinte. No caso de uma grande vitória, um novo *destan* é criado e no caso de derrota, o *destan* já criado serve para restaurar os corações dos membros da sociedade. Os *destan* são, desse ponto de vista, a sabedoria e as experiências transmitidas⁸⁷. Há os *destan-de-origem*⁸⁸, os *destan* da libertação e da independência renovada a cada conflito, assim dando origem a um novo *destan*⁸⁹.

Para Paksoy, a existência de “tradição da celebração da identidade e das aventuras dos ancestrais” dos turcos foi atestada desde o século VIII⁹⁰. E essa seria provavelmente a mesma tradição que se encontra no século XI sob o nome *sav* ou *sab* no livro de Mahmud de Kashgar⁹¹. Esse gênero, se podemos considerá-lo como tal,

⁸⁵ Yıldırım, Dursun, “Hikâyeciliğimizde Üçüncü Yaratıcılık Ortamı ve Hikâyeci Eyyübî-i Garîb”, [O “terceiro contexto” da criação, na tradição da *hikaye* e o Hikâyeci Eyyübî-i Garîb], *Türkbilig/Türkoloji Araştırmaları Dergisi*, vol. 4, N° 5(2003), p. 134-142. [Esse “terceiro contexto” corresponde a uma origem de *hikaye* nem oral nem literária, mas “mista”, N.D.E.]; Yıldırım, Dursun, “Kitâb-ı Dedem Qorqud Metinleri Hangi Yaratıcılık Ortamından Geliyor?”, [Qual o contexto dos textos do *Livro de Dede Korkut?*], *Türkbilig/Revue des études de turcologie*, vol. 3, N° 3 (2002), p. 130-171 ; Yıldırım, Dursun, “Türk Kahramanlık Destanı”, [Les *destan* héroïques turcs], In : *Türk Bitiği : Araştırma/İnceleme Yazıları*, Ankara, éditions Akçağ, 1998, p. 149-157.

⁸⁶ Paksoy, Hasan Bülent, “Türk Destanları'nın Önemi”, [Sobre a importância dos *destans* turcos], *Tarih İncelemeleri Dergisi*, vol. 8, N° 1 (1993), p. 51-63 ; Paksoy, Hasan Bülent, *Alpamiş, Rus yöntemi altında Orta Asya kimliği*, [Alpamiş, a identidade da Ásia Central sob a gestão russa], Ankara, Association for the Advancement of Central Asian Research, 2012 ; Paksoy, Hasan Bülent, “Dastan Genre in Central Asia”, In : *Modern Encyclopedia of Religions in Russia and the Soviet Union*, Paul D. Steeves (éd.), Academic International Press, 1995, vol. 5, p. 222-231 ; Paksoy, Hasan Bülent, *Türk Tarihi, Toplumların Mayası ve Uygarlık*, [História turca. A origem das sociedades, a civilização turca], Izmir, Mazhar Zorlu holding, 1997 ; Paksoy, Hasan Bülent, *Uzaysal yönetim beklerken*, [À espera da gestão espacial], Firenze, Carrie/ European University Institute, 2008. [À espera de uma verdadeira gestão do espaço, N.D.E.]

⁸⁷ Ele cita, como vimos, o exemplo do significado do *destan* nos textos antigos para concluir que não se tratava de um gênero definido por sua função: dá conselhos e traz soluções que relatam os conflitos vividos e resolvidos pelos ancestrais. Aqui se pode pensar na noção de “sabedoria épica” desenvolvida por Walter Benjamin no “*Le narrateur*”, in *Œuvres II : Poésie et Révolution*, trad. M. De Gandillac, Denoël, Paris, 1971, p. 143.

⁸⁸ Paksoy, Hasan Bülent, *Türk Tarihi, Toplumların Mayası ve Uygarlık*, [História turca. A origem das sociedades, a civilização turca], Izmir, Mazhar Zorlu holding, 1997 p. 73-74.

⁸⁹ Paksoy, Hasan Bülent, *Alpamiş, Rus yöntemi altında Orta Asya kimliği*, [Alpamiş, a identidade da Ásia Central sob a gestão russa], Ankara, Association for the Advancement of Central Asian Research, 2012, p. 14.

⁹⁰ *Op. Cit.*, p. 12.

⁹¹ *Ibid.* p. 13.

compreende os provérbios⁹² e as “advertências⁹³”. A palavra *destan* aparece no século XII em um poema de Ahmad Yasavi, e deixa-se interpretar como um equivalente da palavra *sav* e insere-se na mesma tradição literária que visa dar conselhos e transmitir a experiência dos sábios⁹⁴. O caráter sagrado do *destan* é visível nos versos desse grande místico da Ásia Central: “Que os sábios sigam meus conselhos, que tratem minhas palavras como um *destan* e realizem seus votos⁹⁵”.

Há grandes lacunas nas fontes, por que os exemplos citados não nos permitem acompanhar as modificações que a tradição *sav* deve ter sofrido para fazer nascer aquela sob o nome de *destan*. Entretanto, a pesquisa entusiasta da tradição épica entre os turcos levou os especialistas a se questionarem a respeito de outras tradições, as quais não tinham até então chamado verdadeiramente sua atenção. A questão fundamental “Por que os turcos não têm epopeia?” permite conectar os diversos *destan*, provenientes diferentes partes do mundo turco. Durante os anos de 1930, alguns artigos acadêmicos foram publicados a respeito desse tema. Os historiadores Zeki Velidi Togan⁹⁶ e Nihal Atsız⁹⁷ foram os primeiros a se manifestarem sobre o assunto. Embora Zeki Velidi Togan admita com grande pesar que entre os turcos, como na Europa, a era do *destan* tenha chegado ao fim, ele insiste que os antigos *destan* podem ser de grande utilidade para alguns povos, especialmente para os turcos e chineses, que podem servir como instrumentos para “a educação nacional”⁹⁸. Apesar da questão da classificação dos *destan* preocupar os dois pesquisadores, eles sempre se questionam sobre a definição do *destan* turco e, para tanto, eles acham necessário descartar os *destan* que eles consideram como “não originais”. Quanto mais o *destan* vem do

⁹² O equivalente turco desse termo é *as palavras dos ancestrais*, o qual se refere a um culto dedicado aos ancestrais.

⁹³ Indicações dadas pela literatura oral sob forma de conselhos que explicam o que se deve e o que não se deve fazer. Exemplo: *ölenile ölmezler*, significa: não se deve morrer com aquele que morre (é preciso se recuperar depois da morte de um ente próximo).

⁹⁴ Paksoy, Hasan Bülent, *Alpamiş, Rus yöntemi altında Orta Asya kimliği*, [Alpamiş, a identidade da Ásia Central sob a gestão russa], Ankara, Association for the Advancement of Central Asian Research, 2012.p. 13.

⁹⁵ Bilginler benim ferasetime kulak versinler/ Sözüme *destan* muamelesi yaparak muratlarına ersinler. Paksoy, citado por: Paksoy, Hasan Bülent, *Alpamiş, Rus yöntemi altında Orta Asya kimliği*, [Alpamiş, a identidade da Ásia Central sob a gestão russa], Ankara, Association for the Advancement of Central Asian Research, 2012.p. 13.

⁹⁶ Togan, Zeki Velidi, “Türk Destanlarının Tasnifi”, [A classificação dos *destan* turcos], *Atsız Mecmua*, (1931) / mai, juin, juillet, septembre.

⁹⁷ Atsız, Nihal, « Kopuzlama Ve Oğuzlama », *Orkun*, 1951, N° 34. ; Atsız, Nihal, « Türk Destanı Üzerinde Çalışanla », *Orkun*, 1951, N° 31. ; Atsız, Nihal, « Türk Destanı Üzerine İncelemeler, Türk Destanı », *Orkun*, 1951, N° 30 ; Atsız, Nihal, « Türk Destanini Nazima Çekmek Teşebbüsleri, Uğuz Kağan Destanı », *Orkun*, 1951, N° 31 ; Atsız, Nihal, « Türk Destanini Tasnif Etmek Tecrübesi », *Orkun*, 1951, N° 32.

⁹⁸ Atsız Nihal, “Türk destanini tasnif etmek tecrübesi” [Sobre a classificação dos *destan* turcos], *Orkun*, N° 32 (1951). URL: <http://www.nihal-atsiz.com/yazi/turk-destani-uzerine-incelemeler.html/3> (acesso:7/23/2017).

passado, mais ele reflete os elementos da vida pré-islâmica, mais lhes parece suscetível de ser original, de ser digno para servir de modelo para a definição do gênero. “Que gênero de *destan* é o *destan* turco?” é a questão que leva Nihal Atsız a outros questionamento, como: “*Köroğlu* é o extrato de um *destan* Gök Türk, do século VII ou um *destan* criado no século XVI na Anatólia?” ou “*Manas* é um *destan* karakhanide do século X ou um *destan* quirguiz do século XVII?”⁹⁹. O exemplo dado por Nihal Atsız a fim de esclarecer a função “miraculosa” do *destan* na vida nacional é o *Shâh-Nâme*, o que pode revelar a concepção funcionalista que os teóricos turcos da época atribuem ao *destan*. O *Shâh-Nâme* é efetivamente o texto que revitalizou a língua e o povo persa depois da conquista árabe, e seu impacto foi longe: a epopeia persa faz do herói turco Alp Er Tunga um anti-herói, e nos textos da época seljúcida, os turcos compartilham desse ponto de vista e se apropriam do ressentimento associado a ele¹⁰⁰.

É nesse cenário que as primeiras obras do turcólogo alemão Karl Reichl – a quem já fizemos alusão – vieram à tona. Seu imenso trabalho toma como ponto de partida a tradição oral e o *destan* na Ásia Central¹⁰¹. O autor frequenta performances e entra em contato com o público e com os recitadores, e seus livros são ricas fontes de informações antropológicas e sociológicas sobre o gênero, que parece ser definido mais pelo contexto que pelo texto em si. O fato de esse autor se interessar sobretudo pelas epopeias da Ásia Central não o impede de conhecer bem a epopeia turca de um modo geral e de pensar cada *destan* ou *hikaye* na perspectiva da tradição oral dos povos turcos em geral, no âmbito de cada ramo ao qual cada epopeia pertence.

Os primeiros anos do século XXI viram o surgimento de dois livros teóricos de Ö. Çobanoğlu. No primeiro, o autor insere o *destan* na tradição dos *ashik*¹⁰²; o segundo é dedicado à “tradição do *destan* épico”¹⁰³. Essas duas obras, que foram autoridade, analisam o *destan* em relação à epopeia e à tradição da qual ele vem. O grande mérito

⁹⁹Atsız Nihal, “Türk Destanı üzerine incelemeler, Türk Destanı”, [Estudos sobre os *destan* turcos. O *destan* turco], *Orkun*, N° 30 (1951). URL: <http://www.nihal-atsiz.com/yazi/turk-destani-uzerine-incelemeler.html> (acesso:7/23/2017).

¹⁰⁰*Ibid.*

¹⁰¹Reichl, Karl, The search for origin: Ritual aspects of the performance of epic. *Journal of historical pragmatics*, 2003, vol. 4, N° 2, p. 249-267; Reichl, Karl, Turcic oral epic poetry. *Traditions, Forms, Poetic Structures*, New York and London, *Galad Publishing*, 1992; Reichl, Karl. *The oral epic: performance and music*, VWB, 2000.

¹⁰²Çobanoğlu, Özkul, Âşık tarzı kültür geleneği ve *destan* türü, [A tradição cultural do estilo dos *ashik* e o gênero do *destan*], Ankara, Akçağ, 2000.

¹⁰³Çobanoğlu, Özkul, *Türk dünyası epik destan geleneği*, [A tradição épica do *destan* no mundo turco], Ankara, Akçağ, 2003.

de Çobanoğlu está sobretudo em sua definição do *destan*, considerado como performance e como lugar de interação do público e do recitador. Essa concepção considera todas as derivações e ligações intertextuais entre os *destan* provenientes dos diversos ramos dos povos turcos ou entre os três tipos de *destan* (arcaico, heroico e histórico). Desse modo, ela é suficientemente global por levar em conta o longo trajeto que os *destan* “arcaicos” ou “míticos” fizeram até chegar aos *destan* dos *ashik*.

A publicação de um livro sobre os *destan* turcos pré-islâmicos por duas figuras conhecida por muitos acadêmicos, Sakaoğlu e Duymaz, marca o ano 2002¹⁰⁴. No mesmo ano, aparece na França *Contes de Turquie*, de P. N. Boratav, que define o conto em distinção à epopeia¹⁰⁵. Em 2004, Ocal Oğuz publica suas análises sobre a tradição oral e considera o *destan* como um elemento dela¹⁰⁶. As pesquisas realizadas por Metin Ekici sobre os elementos envolvidos na definição do *destan* turco abrem caminho para uma definição autônoma dos *destan* turcos¹⁰⁷. Em 2007, um conjunto de artigos de A. B. Ercilâsun compreende análises globais sobre o *destan*, sobretudo dos de *Dede Korkut* e de *Oghuz Khagan*¹⁰⁸. Em 2009, A. Arvas estuda, em uma tese orientada por Çobanoğlu, a tradição do *destan* nos Kiptchaks, usando uma análise dos motivos¹⁰⁹. No mesmo ano, um artigo de Naciye Yıldız é dedicado à tradição do *destan*¹¹⁰ e, em 2011, é publicado um estudo detalhado de Ç. Akyüz sobre as mudanças associadas ao papel dos profissionais na performance do *destan* e as consequentes modificações do gênero¹¹¹.

O livro de Dilek Çetindaş requer uma menção especial. Antes de abordar a questão do *destan* na poesia moderna turca, a autora dedica cerca de sessenta páginas à definição do gênero e às convergências e divergência entre epopeia e *destan*. Ela

¹⁰⁴ Sakaoğlu, Saim et Duymaz, Ali, *İslâmiyet öncesi Türk destanları : incelemeler, metinler*, [Les *destan* turcs d'avant l'islam ; les analyses, les textes], Ötüken, 2002.

¹⁰⁵ Boratav, Pertev Naili. *Contes de Turquie*. Maisonneuve & Larose, 2002.

¹⁰⁶ Oğuz, Öcal, *Türk halk edebiyatı : el kitabı*, [Guia da literatura popular turca], éditions Grafiker (10^e éditions), 2013, vol. 18

¹⁰⁷ Ekici, Metin, “Destanlar”, [Os *destan*], In : Halman, Talat S. (éd.), *Türk Edebiyatı Tarihi*, Ankara, Éditions du Ministère de la culture et du tourisme, 2006, p. 83-109 ; Ekici, Metin, “Destan Araştırma ve İncelemelerinde Kullanılan Bazı Terimler Hakkında II”, [Observações sobre alguns termos utilizados nas pesquisas e estudos sobre o *destan*], *Milli Folklor Dergisi*, N° 53 (2002), p. 27-34 ; Ekici, Metin, *Azerbaycan kaçak hikayeleri*, [As *hikaye* dos Kachaks no Azerbaijão], Tese de doutorado, Universidade de Ege, defendida em soutenu en 2008.

¹⁰⁸ Ercilâsun, Bilge, *Makaleler : dil, destan, tarih, edebiyat*, éditions Akçağ, 2007, Vol. 5.

¹⁰⁹ Arvas, Abduselam, *Dede Korkut Destanı ve Kıpçak Sahası Epik Destan Geleneği*, [O Livro de Dede Korkut e os *destan* épicos do domínio Kıpçak], Université de Yüzüncü Yıl, *Institut des sciences sociales (tese de doutorado publicada)*, Van, 2009.

¹¹⁰ Yıldız, Naciye, “Türk Destancılık Geleneği”, [A tradição do *destan* turco], *Modern Türklük Araştırmaları Dergisi*, vol. 6, N° 1 (2009), p. 7-15.

¹¹¹ Akyüz, Çiğdem, “Dünden Bugüne Türk Dünyası Destan Anlatıcıları”, [Os narradores do *destan* no mundo turco, ontem e hoje], *Turkish Studies*, vol. 6, N° 4 (2011), p. 15-26.

diferencia o *destan* por seu tipo de herói, que se distingue das outras tradições épicas do mundo: para ela, os heróis dos *destan* turcos são verdadeiramente humanos, com seus pontos fortes e suas fraquezas, eles se inserem no mundo social e são por isso mesmo apresentados de forma realista¹¹². Visando estudar os traços do *destan* na poesia moderna, a autora se interessa pelos critérios temáticos do gênero, bem como pelos efeitos e pelas funções específicas dele. Entretanto, as funções que ela atribui ao *destan* não descarta verdadeiramente as definições canônicas. Ela considera de fato que os *destan* garantem a coesão entre as gerações, veiculando elementos moralizantes¹¹³. Isso não impede que houvesse, para ela, uma diferença entre *destan* e epopeia: a epopeia relata “os períodos da desintegração e da integração”, enquanto os *destan* reivindicam a narrativa de fundação dos impérios ou encenam o período mais brilhante. A associação dessa característica ao espírito de conquista, ao desejo e à pretensão dos turcos de reinar sobre o mundo, favorece a relação entre os turcos e o *destan*¹¹⁴.

Conclusão

Após os primeiros contatos com as teorias sobre o gênero épico na Europa, os críticos turcos continuam em uma situação difícil, mas o caminho que se abre dá aos debates e às análises sobre o *destan* turco uma grande riqueza e uma grande força. A questão em saber se a epopeia tem um equivalente turco é um ponto de partida; os autores e os críticos, ávidos por uma identidade nacional, sentem falta de uma. A ideia é então tanto procurar nas obras do passado distante que merecem ser qualificadas como epopeia, quanto tentar criar novas, imitando o modelo de um *Shâh-Nâme*, que teve tanto sucesso. Talvez o ponto de maior destaque é que nenhum dos *destan* recitados pelos *ashik* da época foi considerado como um equivalente à epopeia, apesar do fato de geralmente serem chamados de *destan*. O desejo de ter uma epopeia nacional, a adesão à teoria de origem oral da epopeia – escrita posteriormente por um poeta –, e finalmente as grandes guerras conjugam-se para motivar um renascimento do *destan* no período de 1910 a 1980.

¹¹² Çetindaş, Dilek, *Yeni Türk Şiirinde Destan*, [O *destan* na poesia moderna turca], Ötüken, 2014, p. 53-54.

¹¹³ *Ibid.* p. 54.

¹¹⁴ *Ibid.* p.55.

A descoberta do *Livro de Dede Korkut* reconforta consideravelmente os críticos por seu caráter arcaico, porém igualmente completo: esse *destan*, de origem oral foi posteriormente fixado pela escrita – e isso era o que se entendia como epopeia. Os traços de oralidade e sobretudo o personagem Dede Korkut, considerado precursor dos *ashik* contemporâneos, fizeram desse livro uma articulação entre os *destan* arcaicos (cujo desaparecimento afligiu o espírito nacionalista da época) e aqueles sempre recitados pelos *ashik*.

Agora, com o crescente interesse pela tradição oral a nível internacional, os turcólogos se interessam cada vez mais pelos *destan* e *hikaye* coletados na vasta extensão onde são sempre recitados e cantados. Como consequência, as análises e os estudos responsáveis por definir o *destan* turco como um gênero ou como uma tradição literária preferem induzir essa definição dos *destan* a ajustá-la às definições de epopeia.

Referências bibliográficas

BANG, W., & Arat, R. R. (éd.). **Oğuz Kağan Destanı** [O *destan* de oghuz Kagan]. Istanbul Burhaneddin, 1936, vol. 18.

BORATAV, Pertev Naili. **Contes de Turquie**. Paris : Maisonneuve & Larose, 2002.

GÖKALP, Ziya. Altın Destan [O *destan* de ouro]. In: **Genç Kalemler**, vol. III, N°14 (1327/1911), p. 41-43.

GÖKYAY, Orhan Şaik. **Dede Korkut**. Ankara: Arkadaş, 1938.

HIKMET, Nâzım. **Kuvayi Milliye Destanı** [O *destan* do exército nacional], (1956, primeiro título: **Kurtuluş Savaşı Destanı**, [O *destan* da guerra da libertação])> Istanbul: Bilgi, 1968.

HIKMET, Nâzım. **Simavne Kadısı Oğlu Şeyh Bedreddin Destanı** [1336] [O *destan* de Şeyh Bedreddinle, o filho do juiz de Simavne]. Istanbul: Dost, 1968.

HOMER. **Ilyada** (trad. Rzagülzadə, Mikayil). Bakou: Azərnəşr, 1978.

HOMÈRE. **İliada İlias Destanı**, [A Ilíada – *destan* de Ilias] (trad. Emet Cevat Emre). Istanbul: Varlık, 1957.

HOMÈRE. **Odisseya** (trad. Ziyatay, əlekber). Bakou: Azərnəşr, 1977.

MUHARREM, Ergin. **Dede Korkut Kitabı I** [O Livro de Dede Korkut I]. Ankara : Türk Dil Kurumu Yayınları, 1997.

NAZIM Hikmet. **Kuvayi Milliye Destanı** [O *destan* do exército nacional]. Istanbul: Yapı Kredi Yayınları, [primeira publicação com esse título em 1968], Ocak, 2002.

RIFAT, Kilisli. **Kitab-i Dede Korkut ala lisan-i taife-i Oguzan** [O livro de Dede Korkut na língua da tribo Oghuz]; *müstensihî Kilisli Rifat*. Istanbul: imprimerie Amire, 1914/1332.

SEHEND, Bulud Karaçorlu. **Sazımın Sözü** [O que diz meu saz] (Tebriz, sem data, em alfabeto árabe). Istanbul: K.B.Y., 1980.

SEPETÇIOĞLU, Mustafa Necati. **Yaratılış ve Türeyiş** [A criação e a procriação]. Ankara: Türk Kültürünü Araştırma Enstitüsü, 1965.

Textos teóricos

ABDÜLKADIR, İnan. Türk Destanlarına Genel Bir Bakış [Visão geral sobre os *destan* turcos]. In: **Türk Dili Araştırmaları Yıllığı Belleten**, 1954, p. 189-206.

ABDURRAHMAN, Varis. Tarihteki Efsanevi Turan Padişahı Alper Tunga Hakkında [Observações sobre o rei mítico de Turan, Alp Er Tunga na História]. In: **Tarih Araştırmaları Dergisi**, vol. 22, N°35 (2004), p. 1-8.

AKBARPOURAN, Monire. Ghoft-e gui darbarez-e honar-e dastan sorayi-e ashigi, گفنگوی (گفتگوی) درباره ی هنر داستانسرایی عاشیقی [Entrevista sobre a tradição dos Ashiks]. In: **Elbilimi**, N° 82 (2016), p. 131-146.

AKDİK, Hazel Melek. Sözlü kültürden modern edebiyata bir köroğlu anlatısı : simavne kadisi oğlu Şeyh Bedreddin destanı [Uma narrativa de Köroğlu da tradição oral à literatura moderna: o *destan* de Şeyh Bedreddin, o filho do juiz de Simavne]. In: **Milli Folklor**, vol. 24, N° 96 (2012), p. 129-136.

AKKAYA, Özcan. Türk Halk Hikâyelerinde Hak Âşıklığı [Os *ashiks* de Deus nas *hikaye* populares]. In: **Université de Çankırı Karatekin, Sosyal Bilimler Ens. Dergisi**, N 2 (2010), p. 1-10.

AKYÜZ, Çiğdem. Dünden Bugüne Türk Dünyası Destan Anlatıcıları [Os narradores do *destan* no mundo turco, ontem e hoje]. In: **Turkish Studies**, vol. 6, N° 4 (2011), p. 15-26.

ARVAS, Abduselam. **Dede Korkut Destanı ve Kıpçak Sahası Epik Destan Geleneği** [O Livro de Dede Korkut e os *destan* épicos do domínio Kıpçak]. Thèse Doctorale, l'université de Yüzüncü Yıl, Institut des sciences sociale, Van, 2009.

Atsız Nihal. Türk Destanı üzerine incelemeler, Türk Destanı [Estudos sobre os *destan* turcos. O *destan* turco]. In: **Orkun**, N° 30 (1951). URL : <http://www.nihal-atsiz.com/yazi/turk-destani-uzerine-incelemeler.html> (acessado:7/23/2017).

ATSIZ, Nihal, “**Türk destanini tasnif etmek tecrübesi**” [Sobre a classificação dos *destan* turcos], **Orkun**, N° 32 (1951). URL : <http://www.nihal-atsiz.com/yazi/turk-destani-uzerine-incelemeler.html/3> (acessado: 7/23/2017).

ATSIZ, Nihal. Kopuzlama Ve Oğuzlama. In: **Orkun**, N° 34 (1951). URL : <http://www.nihal-atsiz.com/yazi/turk-destani-uzerine-incelemeler.html/5> (acessado: 7/23/2017).

ATSIZ, Nihal. Türk Destanı Üzerinde Çalışanlar [A pesquisa sobre os *destan* turcos]. In: **Orkun**, N° 31 (1951). URL : <http://www.nihal-atsiz.com/yazi/turk-destani-uzerine-incelemeler.html/2> (acessado: 7/23/2017).

ATSIZ, Nihal. Türk Destanı Nazıma Çekmek Teşebbüsleri, Uğuz Kağan Destanı [A versificação do *destan* turco; o *destan* de oghuz kaghan]. In: **Orkun**, N° 33 (1951). URL: <http://www.nihal-atsiz.com/yazi/turk-destani-uzerine-incelemeler.html/4> (acessado: 7/23/2017).

BANARLI, Nihad; SAMI, Resimli. **Türk Edebiyatı Tarihi** [História ilustrada da literatura turca]. Ankara: M. E. B., vol. 2, N° 997 (1971).

BEKKI, Salahaddin. Dedem Korkut Kitabı araştırmalarının 100 yıllık tarihi ve '100 temel eser' kapsamında yayımlanan Dede Korkut Hikâyeleri adlı kitapların niteliği üzerine bir değerlendirme [História de cem anos de estudos sobre o *Livro de Dede Korkut* e investigação sobre os livros que têm como títulos *Dede Korkut Hikâyeleri*, a partir de cem obras principais]. In : **Symposium international de Düşünce Hayatımızda ve Kültürümüzde Dede Korkut**, Baybourt, 2015/21-22 mai. Yalçın-Kürşat Kara(éd.), Les éditions de l'université de Baybourt, 2015, p. 179-198.

BENJAMIN, Walter. Le narrateur. In : **Œuvres II : Poésie et Révolution**, trad. M. De Gandillac, Denoël, Paris, 1971.

BORATAV, Pertev Naili. **Halk hikâyeleri ve halk hikâyeciliği** [As hikaye populares e a tradição da Hikaye popular]. Istanbul: Adam, 1946.

ÇETİNDAŞ, Dilek. **Yeni Türk Şiirinde Destan** [O destan na poesia moderna turca]. Ötüken, 2014.

ÇOBANOĞLU, Özkul. **Âşık tarzı kültür geleneği ve destan türü** [A tradição cultural do estilo dos *ashik* e o gênero do destan]. Ankara: Akçağ, 2000.

ÇOBANOĞLU, Özkul. **Türk dünyası epik destan geleneği** [A tradição épica do destan no mundo turco]. Akçağ, 2003.

DURMUŞ, M. Destan Şairi Niyazi Yıldırım Gençosmanoğlu'nun Asya'dan Anadolu'ya Göçen Ruha ve Ahi Evren Kültürüne Bakışı [sobre o "espírito" da Ásia introduzido pelos Turcos na Anatólia durante sua imigração e a cultura de Ahi Evran]. In: **Premier symposium international de Ahilik Kültürü ve Kırşehir**, Kırşehir, 2008, 15-17 Octobre, disponible sur Academia.edu.

DUYMAZ, Ali. Ömer Seyfettin'in kaleme aldığı destanlar üzerine bir değerlendirme [Investigaçãp sobre os *destan* escritos por Ömer Seyfettin]. In: **Balikesir University Journal of Social Sciences Institute**, vol. 12, N° 21 (2009), p. 413-421.

EKICI, Metin. Destan Araştırma ve İncelemelerinde Kullanılan Bazı Terimler Hakkında II [Observações sobre alguns termos utilizados nas pesquisas e nos estudos sobre o *destan*]. In: **Milli Folklor Dergisi**, N° 53 (2002), p. 27-34.

EKICI, Metin . Destanlar [Os *destan*], In : HALMAN, Talat S. (éd.). **Türk Edebiyatı Tarihi**. Ankara: Éditions du Ministère de la culture et du tourisme, 2006, p. 83-109.

EKICI, Metin. **Azerbaycan kaçak hikayeleri** [As hikaye dos Kachaks no Azerbaijão]. Thèse de doctorat, Université d'Ege, soutenue en 2008.

EMRE, Ahmet Cevat, "Homeros Eposları ve Dede Korkut Oğuzlamaları", [as epopeias homéricas e os *oghuznames* de Dede Korkut], In : *Odysseia – II*, Ankara, Türk Dil Kurumu [Academia da língua turca], 1941, p. 271– 295.

ERCİLÂSUN, Ahmet Bican Bilge. Meşrutiyet Tenkidinde Batıdan Giren Terimler [Os termos importados do Ocidente na crítica da época da Constituição]. In: **Electronic Turkish Studies**, vol. 4, N° 1-I (2009/ hiver), p. 373-408.

ERCİLÂSUN, Ahmet Bican Bilge. **Makaleler : dil, destan, tarih, edebiyat** [artigos: "língua", "destan", "História", "literatura"]. Ankara: Éditions Akçağ, 2007, vol. 5.

EROL, Ogur. Ali Canip Yöntem'in Cumhuriyet Döneminde Edebiyat Öğretimi İçin Hazırladığı Ders Kitapları [Os manuais escolares editados por Ali Canip Yöntem para o ensino de literatura no período da República]. In : **Revue de la faculté de l'éducation de l'université d'Uludağ**, vol. 22, N° 2 (2009), p. 379-395.

FILIZOK, Rıza. **Ali Canip'in hayatı ve eserleri üzerinde bir araştırma** [Um estudo sobre a vida e a obra de Ali Canip]. Izmir: Éditions de l'université d'Ege, 2001.

GÖKALP, Altan. Le Dit de l'os et du clan: De l'ordre segmentaire oghouz au village anatolien. In : **L'Homme**. Paris : EHESS, , 1987, p. 80-98.

GÖKALP, Ziya. **Kızıl elma** [A maçã vermelha]. Istanbul: Ötüken, 2015.

GÖKALP, Ziya. **Türk Medeniyeti Tarihi** [1924] [História da civilização turca]. Istanbul: Kültür Bakanlığı Yayınları, 1926.

GÖKALP, Ziya. **Türk Töresi** [1923], [A tradição turca]. Istanbul: Kültür Bakanlığı Yayınları, 1976.

GÖMEÇ, Saadettin. The Identity of Oguz Kagan. The Oguz in the History and the Epics of Oguz Kagan. In: **Oriente Moderno**, vol. 89, N° 1 (2009), p. 57-66.

KARAKOÇ, Kani İrfan. **Ulus-Devletleşme Süreci ve Türk edebiyatı'nın İnşası (1923-1950)** [O processo de constituição do Estado-Nação e a construção da literatura turca]. Thèse de Doctorat, l'université d'Ankara, 2002.

KAYABAŞI, Onur Alp et KAYABAŞI, Rabia Gökçen. Ali Canip Yöntem ve Batı'dan Giren Bir Terim : Epope [Ali Canip Yöntem e um termo importado do Ocidente (*Epope*)]. In: **21Yüzyılda Eğitim Ve Toplum Eğitim Bilimleri Ve Sosyal Araştırmalar Dergisi**, vol. 2, N° 4 (2013), p. 153-160.

KÖPRÜLÜ, Mehmet Fuad. Edebiyat-ı Milliye [A literatura nacional]. In: **Servet-i Fünun**, vol. 4, N° 1041 (1911).

KÖPRÜLÜ, Mehmet Fuad. Epope Meselesi [A questão da epopeia]. In: **Büyük Mecmua**, N° 5 (1919), p. 68-69.

KÖPRÜLÜ, Mehmet Fuad. **Türk edebiyatı tarihi** [História da literatura turca]. Istanbul: Imprimerie Amere (em alfabeto árabe), 1920.

KÖPRÜLÜ, Mehmet Fuad & ŞAHABEDDİN. Süleyman. **Malumat-ı Edebiyye** [Específico de literatura]. Istanbul: Kanaat, 1914.

KOZANOĞLU, Aptullah Ziya. **Battal Gazi Destanı : Türk romanı** [*Destan de Battal Gazi*: um romance turco], Ankara: Atlas Kitabevi, 1965.

LEVEND, Agâh Sırrı. **Edebiyat Tarihi Dersleri : Tanzimat Edebiyatı** [Lições de história da literatura: Tanzimat], Istanbul: Marifet, 1934.

LUFFIN, Xavier. L'union impossible d'un prince musulman et d'une jeune arménienne : une version en karamanlica de *Kerem et Aslı*. In : **Ipirotika Chronika**, N° 40 (2006), p. 325-340.

LUFFIN, Xavier. **Le long voyage d'Ashik Garip**. Paris : L'Harmattan, 2005.

MOREAU, Jean-Luc. De la poésie populaire finnoise à l'épopée finlandaise. Le *Kalevala*. In : FEUILLEBOIS-PIERUNIK, Ève (éd.). **Épopées du monde : pour un panorama (presque) général**. Paris : Classiques Garnier, 2011, p. 425-436.

NEBİYEVA, Ülker. Oğuz epik düşüncesinin kaynağı olarak kitab-i dede korkut'un dresden nüshası [O manuscrito de Dresden do *Livro de Dede Korkut* como fote da concepção épica oghuz]. In: **Atatürk Üniversitesi Türkiyat Araştırmaları Enstitüsü Dergisi**, vol. 14, N° 36 (2008), p. 173-186.

REVEL, Nicole; SEYDOU, Christiane; COUROUCLİ, Maria ; GOKALP, Altan ; Emmanuèle , BAUMGARTNER; FERNANDEZ, Jocelyne; HAMAYON, Roberte Nicole; FILLIOZAT, Pierre-Sylvain; MACÉ, François. Article "Épopée", *Encyclopædia Universalis* [online] : <http://www.universalis.fr/encyclopedie/epopee/>

ÖGEL, Bahaeddin. **Türk mitolojisi: kaynaklar ve açıklamaları ile destanlar** [Mitologia turca: os textos de referência e suas explicações]. Türk Tarih Kurumu, 1971.

Oğuz, Öcal. **Türk halk edebiyatı : el kitabı** [Guia da literatura popular turca]. Éditions Grafiker (10^e éditions), 2013, vol. 18.

Osmanlıca-Türkçe Sözlük [Dicionário turco-otomano]. Consultation en ligne. URL : <http://www.luggat.com/48592/insad>, (consulté, 9/13/2016).

ÖZKAN, İsa. Ergenekon Destanı Hakkında [Observações sobre o *destan* de Ergenekon]. In: **Türk Yurdu dergisi**, N° 265 (2009), p. 43-47.

PAKSOY, Hasan Bülent. Türk Destanları'nın Önemi [Sobre a importância dos *destans* turcos]. In: **Tarih İncelemeleri Dergisi**, vol. 8, N° 1 (1993), p. 51-63.

PAKSOY, Hasan Bülent. **Alpamış, Rus yöntemi altında Orta Asya kimliği** [*Alpamış, a identidade da Ásia Central sob a gestão russa*]. Ankara: Association for the Advancement of Central Asian Research, 2012.

PAKSOY, Hasan Bülent. Dastan Genre in Central Asia. In : **Modern Encyclopedia of Religions in Russia and the Soviet Union**. Paul D. Steeves (éd.), Academic International Press, 1995, vol. 5, p. 222-231.

PAKSOY, Hasan Bülent. **Türk Tarihi, Toplumların Mayası ve Uygarlık** [História turca. A origem das sociedades, a civilização turca]. Izmir: Mazhar Zorlu holding, 1997.

PAKSOY, Hasan Bülent. **Uzaysal yönetim beklerken** [À espera da gestão espacial]. Firenze: Carrie/ European University Institute, 2008. [À espera de uma verdadeira gestão do espaço, N.D.E.]

PALA, Iskender. Kaside. In : **İslam ansiklopedisi**. Türkiye Diyanet Vakfı, 2001, vol. 24, p. 564-566.

PALAGYI, Tivadar. La *Chanson de Roland* et le *Digénis Akritas* dans l'histoire littéraire : construction du passé national en France et en Grèce au tournant du XIX^{ème} et du XX^{ème} siècles. In : **Cahiers de la Nouvelle Europe**. Paris : L'Harmattan, 2008/8, p. 35-48.

REDHOUSE, James William. **An English And Turkish Dictionary**. Londres: B. Quartish, 1856.

REICHL, Karl. The search for origins : Ritual aspects of the performance of epic. In: **Journal of Historical Pragmatics**, 2003, vol. 4, N° 2, p. 249-267.

REICHL, Karl. **The Oral Epic : Performance and Music**. Berlin: Verlag für Wissenschaft und Bildung, 2000.

REICHL, Karl. **Turkic oral epic poetry, Traditions, Forms, Poetic Structures**. New York and London: Galad Publishing, 1992.

ŞAHİN, Haşim. Menâkibnâme. In : **İslam ansiklopedisi**. Türkiye Diyanet Vakfı, 2004, vol. 29, p. 112-114.

SAKAOĞLU, Saim et Duymaz, Ali. **İslâmiyet öncesi Türk destanları : incelemeler, metinler** [Os *destan* turcos antes do Islã; as análise, os textos]. Ötüken, 2002.

SAMI, Şemseddin. **Kamus-i Firansavi** [Dicionário turco-francês]. Istanbul: Imprimerie Mihran, 1883.

SAY, Yağmur. **Türk İslam tarihinde ve geleneğinde Seyyid Battal Gazi ve Battalname**, [Seyyid Battal Gazi e *Battalname* na história e na tradição turco-islâmica]. Ankara: Sistem Ofset MATBAACILIK, 2009. En ligne URL : <http://www.eskisehir.gov.tr/sarici/battalname-kitap.pdf> (Consulté le 15/02/2015).

Seyfeddin, Ömer. Yeni lisan [A nova língua]. In : **Genç Kalemler**, 1911, p. 75-81.

TOGAN, Zeki Velidi, “Türk Destanlarının Tasnifi”, [A classificação dos *destan* turcos]. In: **Atsız Mecmua**, (1931) / mai, juin, juillet, septembre.

TOPÇU, Ümmühan. Hilmi Ziya Ülken’de Türk Rönesansı Arayışı ve Destan [A pesquisa de uma renascença turca e o *destan* no Hilmi Ziya Ülken]. In: **Millî Folklor**, 17^e année, N° 65 (2005), p. 102-105.

ULUÇ, Lâle. The Shahanama of Firdausi in the Lands of Rum. In : **Shahnama Studies II : The Reception of Firdausi’s Shahnama**. Charles Melville & Gabrielle van den Berg (éds.), Brill, 2012, p. 161-180.

VON DIEZ, Heinrich Friedrich. **Denkwürdigkeiten von Asien in Künsten und Wissenschaften, Sitten, Gebräuchen und Alterthümern, Religion und Regierungsverfassung : aus Handschriften und eigenen Erfahrungen gesammelt**, Berlin, publié par l’auteur, 1815, vol. 2.

YETİŞ, Kâzım. *Destan* [*Destan*]. In : **İslam ansiklopedisi**, Türkiye Diyanet Vakfı, 1994, vol. 9, p. 202-205.

YİLDİRİM, Dursun. Hikâyeciliğimizde Üçüncü Yaratıcılık Ortamı ve Hikâyeci Eyyûbî-i Garîb [O “terceiro contexto” da criação, na tradição da *hikaye* e o Hikâyeci Eyyûbî-i Garîb]. In: **Türkbilig/Türkoloji Araştırmaları Dergisi**, vol. 4, N° 5(2003), p. 134-142.

YİLDİRİM, Dursun. Kitâb-ı Dedem Qorqud Metinleri Hangi Yaratıcılık Ortamından Geliyor ? [Qual o contexto para os textos do *Livro de Dede Korkut* ?]. In: **Türkbilig/Revue des études de turcologie**, vol. 3, N° 3 (2002), p. 130-171.

YİLDİRİM, Dursun. Türk Kahramanlık *Destanı* [Os *destan* heroicos turcos]. In : **Türk Bitiği : Araştırma/İnceleme Yazıları**, Ankara, éditions Akçağ, 1998, p. 149-157.

YILDIZ, Naciye. “Türk Destancılık Geleneği”, [A tradição do *destan* turco]. In: **Modern Türklük Araştırmaları Dergisi**, vol. 6, N° 1 (2009), p. 7-15.

YÖNTEM, Ali Canip (sous le pseudonyme Yekta Bâhir). Millî Daha Doğrusu Kavmî Edebiyat Ne Demektir [O que se entende por “literatura nacional”, ou melhor, “popular”?]. In: **Genç Kalemler**, vol. 2 (1911/ Juin), p. 4-13.

YÖNTEM, Ali Canip (Sous le pseudonyme Yekta Bâhir). Millî Edebiyat Meselesi [A questão da *literatura nacional*]. In: **Genç Kalemler**, vol. 2, N° 6 (1327/1911. Le 2 juin), p. 99-103.

YÖNTEM, Ali Canip. Ecnebî Edebiyatı, Homer Kimdir ? İlyada ve Odisse Nasıl Eserlerdir ? [A literatura estrangeira. Que é Homero?Qual é o gênero da Ilíada e da Odisseia?]. In: **Millî Talim ve Terbiye Cemiyeti Mecmuası**, N° 5 (1918 (1334) /août), p. 7-18.

YÖNTEM, Ali Canip. Epope Asrî Bir Nevi Midir ? [A epopeia é um gênero contemporâneo?]. In: **Büyük Mecmua**, N° 4 (1919/mars), p. 58-59.

YÖNTEM, Ali Canip. Epope Nedir ? [O que é a epopeia?]. In: **Yeni Mecmua**, vol. 2, N° 62 (1918/ Juillet), p. 193-195.

YÖNTEM, Ali Canip. Sanat ve Edebiyat-Millî Lisan ve Millî Edebiyat [Arte nacional e literatura nacional. A língua e a literatura nacionais]. In: **Genç Kalemler**, vol. 2, N° 3 (1327/1911/ mai), p. 47-52.

YÖNTEM, Ali Canip. Yine Epopeye Dair [Novamente sobre epopeia]. In: **Büyük Mecmua**, N° 6 (1919/1335) /avril), p. 84-85.